

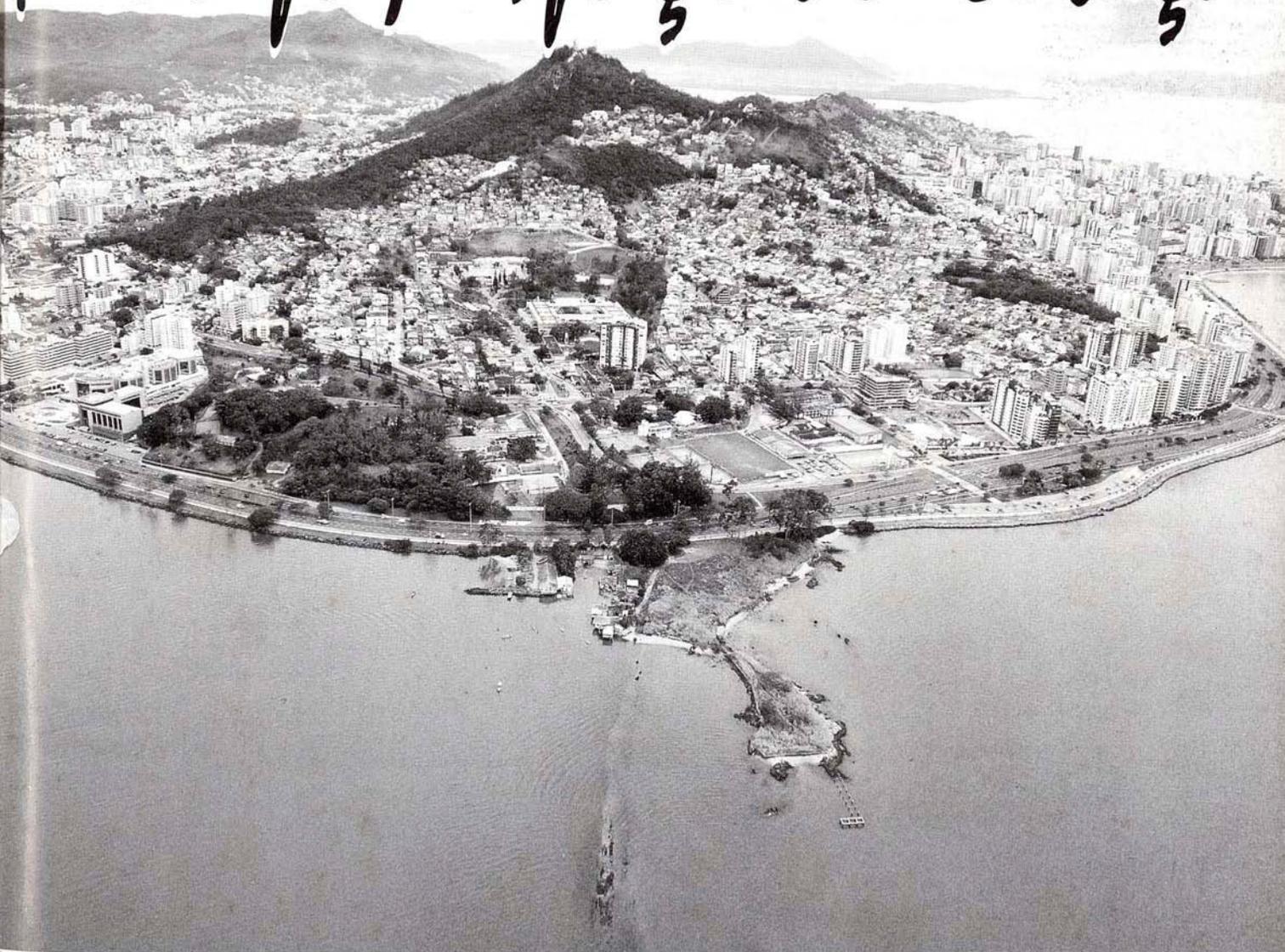
Florianópolis (SC)
maio/junho de 2012
Ano 6
Nº 28
R\$ 5,00



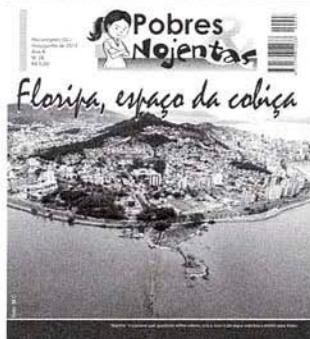
Pobres & Nojentas



Floripa, espaço da colíza



"Nojenta" é a pessoa que questiona velhos valores, cria o novo e persegue vida boa e bonita para todos



14 Ponta do Coral é "ponta" da luta por território

- 04 Justina: quando a política é transformação
- 07 De avós e cozinhas...
- 09 No Egito, do outro lado da linha
- 12 Um mundo onde caibam muitos mundos
- 18 Florianópolis, uma cidade a se ganhar
- 24 Cooperar com a outra informação
- 26 Santa Catarina mágica nos "Contos da Seve"

Seções

- 03 Editorial
Ela... de novo!
- 08 Crônica
O guri do adesivo e a menina do fósforo
- 27 Poesia
Quase invisível

P7506	Revista Pobres e Nojentas.
	Revista Pobres e Nojentas. – n. 1. (2006) – Florianópolis : RPCC, 2011
Mensal.	
ISSN: 2179-9121	
	1. Antropologia social. 2. Cultura de massa - Brasil. 3. Capitalismo - sociologia. 4. Etnologia cultural. 5. Sociologia política. 6. Etnografia.
	CDD 306

Catálogo na fonte: Maria Guilhermina Cunha Salasário CBR 14/802

Para assinar Pobres & Nojentas

- Deposite o valor na conta do Banco do Brasil nº 618-714-5, agência 0016-7
- Envie e-mail para eteia@gmx.net informando: data e hora do depósito, nome e endereço completo (com CEP)



4 edições ao ano
R\$ 25,00
(inclui as despesas com o Correio)



A Rede Popular Catarinense de Comunicação (RPCC) reúne veículos e entidades que compartilham textos, áudios, fotografias, dentro da lógica da soberania comunicacional, que pressupõe o controle coletivo dos meios e da produção de conteúdos, buscando a quebra do controle da informação exercido pelos grandes meios de comunicação do Estado.

www.redepopularcatarinensedecomunicacao.blogspot.com

twitter.com/redepopularcc
redepopularsc@gmail.com

Colaboraram nesta edição:

- Camila Bion de Assis
- Catarina Gewehr
- Eduardo Schmitz
- Elaine Tavares
- José Newton Tavares
- Marcela Cornelli
- Míriam Santini de Abreu
- Rosângela Bion de Assis
- Raul Fitipaldi

Edição

Elaine Tavares (MTb 00501-SC)
Míriam Santini de Abreu (MTb 8077-RS)

Projeto gráfico:

Rosângela Bion de Assis (MTb 00390-SC)
Sandra Werle (MTb 00515-SC)

Editoração:

Alysson Moura (designer gráfico)

Artes da *Pobrecita*

- Silva
- Eduardo Schmitz

Apoio Cultural

• Sindprevs/SC (Sindicato dos Trabalhadores em Saúde e Previdência do Serviço Público Federal no Estado de Santa Catarina)



Florianópolis/Santa Catarina

Ela... de novo!

Foi em março/abril de 2011 que circulou a edição 27 da revista 'Pobres & Nojentas'. As dificuldades para manter a publicação levaram o nosso grupo a anunciar o fim da P&N. Não houve queda de ações nas bolsas de valores! Mas sentimos falta da nossa revista. Então, mês após mês, tentávamos viabilizar um novo número, porém sempre receando os prejuízos financeiros.

Mas, na chegada deste inverno de 2012, mais de um ano depois, o desejo de ver o projeto andar foi mais forte do que o medo. E eis o número 28!

Nestes meses, dois fatos merecem registro. O primeiro é que, em 17 de novembro de 2011, a Divisão de Depósito Legal da Fundação Biblioteca Nacional nos enviou a seguinte mensagem por e-mail: "Recebemos o material enviado a esta Fundação, conforme listagem anexa, em cumprimento à legislação vigente de Depósito Legal. Agradecemos esta importante contribuição para a preservação e a guarda da produção intelectual nacional".

A mensagem se refere à entrega, na sede da Biblioteca Nacional, da coleção da Revista Pobres & Nojentas do ano 1 ao 5 (nº 1, de maio de 2006, ao nº 25, de outubro de 2010), assim como exemplar avulso de outras publicações do nosso grupo. Assim que se completar a série de cinco edições, 26 a 30, também ela será entregue na Biblioteca Nacional.

Outro registro: a jornalista Elaine Tavares lançou em abril deste ano seu terceiro livro, "Em busca da Utopia: os cami-

nhos da reportagem no Brasil dos anos 50 aos anos 90". A jornalista investiga, com base na análise de reportagens de revistas que representam determinados períodos históricos, se, como e por que, nos textos jornalísticos, é possível encontrar as marcas da utopia. O gênero jornalístico que ela elege para análise é a reportagem.

Tal escolha, com todas as suas opções metodológicas, não é casual. O jornalismo que "desaloja" os sentidos é o jornalismo da reportagem. A reportagem, que cada vez mais perde espaço para breves notas e notícias nos jornais e revistas, é o que distingue o trabalho jornalístico de qualquer outra atividade de escrita que se proponha a interpretar o mundo. É na plenitude dela e de suas técnicas de construção, que, no gesto da escrita, se expressa o prazer de enlaçar um acontecimento no instante mesmo de seu desenrolar. De o jornalista ser ao, mesmo tempo, participe e testemunha do desenrolar do processo histórico. Diz a autora que "... jornalismo só é jornalismo quando consegue provocar reação, não apenas no nível da emoção, mas a reação necessária para gerar a dúvida, o desconforto, o que leva o ser humano a se perguntar: por que tem de ser assim? E o que podemos fazer para mudar isso?".

Neste ano que passou, portanto, não paramos. Parar nos dá desconforto!

P.S.: Esta edição foi diagramada por Alysson Moura, a quem agradecemos!



Uby - Foto: Gilberto Motta

EM MEMÓRIA

Dedicamos esta edição a dois colegas da palavra e da militância, Uby Oliveira e Amilton Alexandre, o Mosquito, que partiram no ano passado.



Mosquito - Foto do Blog do Sergio Rubim

P&N tem Boletim Eletrônico

Cadastre seu e-mail em revistapobresnojentas@gmail.com para receber o resumo das notícias, reportagens, crônicas e artigos, além da agenda do movimento sindical e popular.

P&N no Facebook

Pobres E Nojentas

P&N no Twitter

www.twitter.com/pobresnojentas

P&N no You Tube

<http://br.youtube.com/PobresyNojentas>

Blog da P&N teórica

<http://revistapobresnojentas.wordpress.com>

Blog da P&N

<http://pobresnojentas.blogspot.com>



Fotos: Eliane Tavares

**Texto e fotos: Eliane Tavares,
de Blumenau**

O dia mal raiou e ela já está na rua. É que há muitas coisas para fazer, casas para limpar, lutas a travar. A mulher magrinha, de cabelo ruivo, é presidente da Associação das Empregadas Domésticas de Blumenau. Justina Inês Ogliari. Durante toda a semana ela circula pelos lugares mais diferentes da cidade, na difícil tarefa de manter bonita a casa alheia. E, além disso, consolida a cada dia a organização e a conquista de direitos para as mulheres que, tal qual ela, amargam a dura realidade de serem menos iguais que os demais trabalhadores do país. Essa luta que Justina trava cotidianamente não é coisa de agora. Desde menina, ela aprendeu que nada nessa vida vem sem esforço para aqueles que não nasceram em berço de ouro. Como o seu caso.

Corria do ano de 1968, o Brasil entrava em um momento sombrio de endurecimento da ditadura militar. Mas, no interior de Santa Catarina, na pequena cidade de Modelo, a família Ogliari festejava o nascimento de mais um bebê, o sexto. E quem chegou foi Justina, gritona e vermelha, com seus cabelos cor de fogo. Aquilo era um prenúncio de quem ela iria se tornar: uma guerreira.

Fazia pouco tempo que a família viera para Modelo, uma cidade com forte presença alemã. Antes, o pai cultivava, em parceria com um irmão, parte de uma terra, na cidade de Dois Lajeados, que lhes garantia o sustento. Mas, com a morte do irmão, o dono da terra não quis mais arrendar e Leonildo teve que se virar. Foi aí que a família toda se mudou para Santa Catarina, onde conseguiu comprar uma terrinha.

Justina: quando a política é transformação

Leonildo não era homem de muita cultura, mas gostava de ler. Assinava o Correio Rio Grandense e estava sempre bem informado. E esse gosto pela leitura pegou Justina logo cedo na vida, fazendo com que também gostasse muito de estudar.

Mas estudar naquelas lonjuras não era coisa fácil. Para chegar à escola Justina tinha de andar, sozinha, pelo meio do mato, percorrendo longa distância. Vez ou outra ia a cavalo, mas não era coisa comum. Naqueles dias, uma menina ainda, ela também já dava mostras de seu senso de justiça. Na escola onde estudava, apenas ela e um menina negra não falavam alemão. A garota, por ser muito pobre, vinha à escola descalça e acabava isolada, num canto. Justina logo se fez amiga, aprendendo bem cedo que a solidariedade é coisa importante demais. Mas a amizade não durou muito porque a garota acabou expulsa da escola. "Disseram que ela tinha ido a um baile Nunca entendi muito bem".

Quando Justina concluiu a quarta série os estudos ficaram cada vez mais difíceis. Para chegar à nova escola ela haveria de andar sete quilômetros para ir e outros tantos para voltar. Às vezes ia a pé, outras, a cavalo, mas desanimou. Além do mais, sofria de erisipela, uma doença que lhe deixava as pernas inchadas e cheias de feridas. Mais um motivo para a discriminação. Acabou abandonado a escola na quinta série. Sem estudar tinha de trabalhar e, com 14 anos, arrumou seu primeiro emprego fora. Era num hotel. Ali ela lavava, passava, fazia toda a limpeza. Era uma vida dura. Não bastasse isso, ainda

era assediada pelo filho da patroa. Aguentou um bom tempo, mas, com medo de contar aos pais, preferiu sair. De volta para casa, Justina começou a ser perseguida pelo cunhado. Aquilo era demais. "Minha irmã tinha casado grávida e meu pai era muito repressor. Se eu falasse uma coisa dessas seria espancada até dizer chega". Foi aí que Justina decidiu ir tentar a sorte na cidade de Chapecó.

Mas a sorte não era para ela. Tanto que, numa tarde, quando ia ao mercado, foi atropelada por uma Toyota. Tinha 17 anos e quase morreu. Passou o inferno, arrebentou o fígado, o pulmão, o baço e teve de colocar platina no braço. Foi operada sem anestesia e nunca soube como sobreviveu. Naquele ano havia perdido o irmão que mais amava, e nem ela mesmo já queria seguir vivendo. Ainda assim lutou 15 dias na UTI, passando depois três longos meses no hospital. Os donos da casa onde trabalhava simplesmente a largaram lá, não se importaram. Foi o pai quem teve de bancar as despesas. De novo, voltou para casa.

Em Modelo seguiu sua vida de empregada doméstica, sem horizontes. Um belo dia, quando já completara 19 anos, o pai a tocou de casa depois de descobrir que ela não era mais virgem e lá se foi Justina mais uma vez para o desconhecido. O destino foi Joaçaba, onde viveria os dias mais tristes de sua vida. Conheceu um homem e engravidou. Ele foi embora e ela ficou sem chão. Sem perspectiva de criar o ser que brotava no ventre,

decidiu que o entregaria para a patroa, em cuja casa trabalhava feito escrava, apenas por comida. Mas a barriga foi crescendo, o neném chutando e ela foi se tomando de amores. Como daria a filha? Não poderia. A patroa, ao saber que não levaria mais o bebê, a jogou para fora de casa e Justina amargou o abandono. Teve a filha num dia 26 de dezembro, completamente sozinha, sem ninguém para ajudar. Subiu o morro do hospital segurando a barriga e a dor.

No dia seguinte estava fora do hospital, com a filha nos braços, sem ter para onde ir. Ficou ali, o dia inteiro, chorando. Não tinha casa nem dinheiro. Foi o anestesista que havia atuado no seu parto que a viu no fim do dia, e se dispôs a levá-la na casa de uma amiga, que ficava num bairro distante. Foi um tempo de terror. Não havia o que comer, a criança chorava de fome, Justina rezava e pedia um milagre. Um dia um casal ameaçou tirar-lhe a criança alegando maus tratos. Ela decidiu: iria dar a filha e se jogar na frente de um caminhão. Mas apareceu um emprego numa boate e lá se foi Justina com a



filha nos braços, passar mais aperto. Foi por isso que o primeiro homem que apareceu no seu caminho e quis casar com ela foi aceito. Casada, ela esperava voltar e ver a família, retomar a vida, depois de tanto sofrimento.

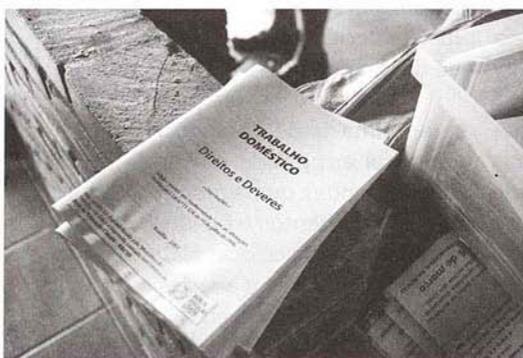
Mas aquele não era ainda o milagre que pedira para Nossa Senhora. Ela seguia trabalhando de diarista e o casamento foi fazendo água. “Nos primeiros nove meses foi bom, depois degringolou. Eu apanhava. Era terrível”. Justina aguentou três anos, teve mais uma filha, depois colocou o pé na estrada outra vez. Desta vez estava em Blumenau e ali as coisas iriam caminhar para lados nunca sonhados.

A luta política

Depois que saiu de casa Justina foi trabalhar numa creche onde era muito maltratada, mas tinha de criar as filhas. Segurou. Até que um dia ela foi fazer uma faxina na casa de um advogado que, segundo Justina, “caiu do céu”. Ele talvez tenha sido o “milagre” há tanto esperado. Penalizado com a situação da faxineira, Everton a convidou para trabalhar de zeladora no prédio onde morava. Justina finalmente teve a sua casa e um pouco de afeto, pois a família do advogado era muito boa. “Eles traziam compra no natal, me ajudavam, era uma bênção. Pude trazer minhas filhas, elas começaram a estudar”. E foi ali, naquele prédio, que ela também conheceu outra pessoa especial, que a colocou no rumo da luta. Aldo era um morador, estudante de medicina em Blumenau, e muito engajado nas lutas populares. “Ele vinha aqui em casa pra tomar chimarrão e conversar. A gente falava sobre as coisas da vida, da cidade, das dificuldades dos trabalhadores. Ele então me convidava para ir às manifestações, nas reuniões do movimento social. A minha vida mudou da noite para o dia. Eu comecei a compreender porque uns são pobres e outros são ricos. Fui para os acampamentos do MST

(Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), entendi a luta e comecei a ver que na minha vida as coisas também tinham de mudar”.

O tempo passou, e a empregada doméstica Justina Ogliari era outra pessoa. O que passava nas casas, com patrões esnobes e exploradores, já não ficava preso no peito. Era chegada a hora de pôr a boca no trombone, organizar as trabalhadoras domésticas, fazer valer direitos. Seu grande amigo Aldo já tinha se formado em medicina e andava promovendo lutas no posto de saúde. Ela participou, fechou a BR, mobilizou as gentes exigindo melhorias.



Havia se tornado um animal político e queria mais.

As idas e vindas por Blumenau, pendurada no ônibus, era o seu espaço de organização. “No ônibus eu encontrava as colegas, ouvia suas histórias, e cismava. Tinha de fazer algo. Entrei para o Conselho de Saúde e conheci gente dos Sindicatos, gente do movimento popular que fazia luta por moradia. Acabei me envolvendo nisso tudo. Por esses dias eu conheci a Catarina, professora da Furb (Universidade de Blumenau), e ela deu a maior força para eu criar uma associação. Reservou sala lá na universidade, eu fiz panfletos, coleí nos pontos de ônibus, distribuí para as amigas e até consegui um transporte para levar as mulheres pra casa. Apareceram nove e aquele foi o núcleo que iniciou essa luta pelo

direito das empregadas domésticas em Blumenau”.

Toda essa movimentação culminou em 27 de abril de 2010, quando finalmente Justina conseguiu formalizar a criação da Associação das Empregadas Domésticas de Blumenau, que hoje conta com 30 associadas. “A gente sabe que o pessoal tem medo, mas nossa luta é para acabar com isso. Nós não podemos ser tratadas como lixo. A gente tem direitos”. Nesse processo de organização da associação Justina esteve no Maranhão, onde conheceu o Sindicato das Empregadas Domésticas. “Eles têm muitas conquistas políticas e tudo isso por conta da luta. Vamos ver se em Blumenau a gente avança para um Sindicato”. No encontro ela conheceu uma jornalista cubana que falou sobre a situação da mulher em Cuba, mostrando o quanto ainda há para se caminhar por aqui. “Nós, aqui, ainda somos muito discriminadas. Mas isso vai acabar”. Justina sabe que, por enquanto, ainda há poucas filiadas, mas não esmorece. “Tirando a categoria dos têxteis, nós somos a maior categoria aqui em Blumenau”.

Toda essa conversa com Justina foi feita numa casa onde ela faz faxina, a da professora Catarina. Ali ela tem liberdade de ser quem é: uma guerreira em busca de vida boa e bonita para todas as suas companheiras. Mas essa não é uma realidade em Blumenau. “Já tive casa em que a dona me mandava comer na área de serviço. Nem à mesa eu podia sentar”. E é essa realidade que ela quer mudar, na luta renhida, na comunhão. Justina Ogliari, que saiu de Modelo acreditando que a vida seria sempre o mesmo sofrimento, hoje é uma militante política da mais alta respeitabilidade em Blumenau. Ela se construiu uma mulher valente, capaz de avançar nas conquistas da sua categoria. Empregada doméstica, trabalhadora, agente de transformação.

De avós e cozinhas...

Texto: Catarina Gewehr, de Blumenau
Ilustração: Camila Bion de Assis

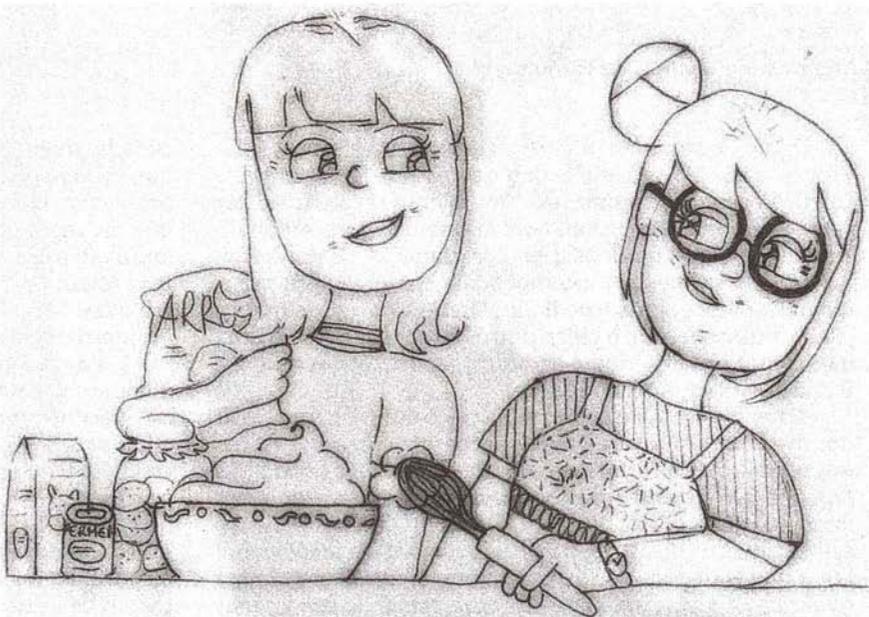
Enquanto a cozinha da minha avó italiana mais se assemelhava a uma destas quermesses paroquiais, a cozinha da minha avó alemã era recolhimento e abstração. Uma cozinha densa e complexa, que não alcança ser contada se não em relação direta com a tríade *horta-pomar-galinheiro*, na qual meu avô se assentava, praticamente soberano, não fossem os palpites silenciosos e inquestionáveis de minha avó. Praticamente tudo que era processado pelas mãos da Dona Celina - cebolas, tomates, abóboras, rabanetes, pepinos, alfaces, couves, *mazanilla*, peras, uvas, ovos, romãs, mexericas, laranjas, mamões, batatas, beterrabas, limões e temperos verdes - em seu particular reino culinário, saía desta tríade tão bem cuidada pelo meu avô João. E, nesta cozinha, existiam regras impossíveis de burlar. Não que ali existissem proibições. Apenas as coisas eram arranjadas de tal modo que o meu interesse imediato, de criança curiosa, nunca estava no mundo das panelas.

Eram tantos os arranjos pré-dispostos a concentrar minha atenção - e também de meus irmãos - que pouco, ou quase pouco, o que estava acontecendo entre facas, tigelas, pratos e panelas, alcançava nos dispersar. Os meninos geralmente estavam lá por fora, empinando pandorga, dando *bodocada* nos passarinhos e fazendo tiro ao alvo, com pedras, nas galinhas. Eu ficava no quarto de costura que, outrora, servira de quarto para meu pai. Entre cama de ferro de marcada pelo tempo, a máquina de costura impossível de ser acessada por qualquer outro mortal que não fosse minha avó, e uma divina cristaleira de madeira escura, eu vagava em meio a um cem número de bugigangas - retalhos coloridos, latas, carretéis de linha, bonecas de papel, revistas de fotonovelas - guiada pelos cheiros, sons e imagens da cozinha que fazia divisa com este quarto mágico.

O interessante é que apesar da intensidade da cozinha, o mundo que me havia sido preparado, no quarto de costura, me permitia a segurança do esperar sem medo e sem pressa. Entretanto, toda a estabilidade deste universo particular ia por água a baixo quando a vó tocava o velho sino de ferro batido, avisando o vó e os meninos que a comida estava pronta. Tudo então era correria: pegar a água no poço, lavar as mãos, sentar

e comer. Depois, aí sim, tínhamos lugar na cozinha: ajudar a tirar a louça da mesa, a trazer a água do poço para a limpeza de pratos, talheres e panelas.

E, prontos que estávamos para voltar às nossas *importantes ocupações infantis*, quase tínhamos surtos de pura brabeza em ter que ir "sestear" depois do almoço. E lá ficava a vó contando histórias e mais histórias - hoje lindas histórias; mas naquele tempo, uma tortura sem fim - e eu levei muito mais tempo para entender a série de artimanhas que meus irmãos usavam para sair da cama mais cedo. A mais usada era a da: - *Vó eu vou tomar água... e eu, vou no banheiro*. Assim se iam



os guris. E eu, ali sozinha, não alcançava formular nenhuma estratégia de fuga, envolvida que estava com as imagens de sonho que o conto de minha avó ia trazendo.

Geralmente me acordava no meio da tarde e, sozinha na cama da vó, ficava furiosa por ter dormido tanto. Naqueles momentos me sobrevinha uma enorme sensação de perda de tempo: quantas coisas tinha deixado de fazer por estar dormindo! Chegava à cozinha com uma expressão medonha; com uma cara que, presumo pelos comentários daquele tempo - e uma sensação que permanece para sempre - era a própria gênese do mau humor. Mas nada que uma gemada, bem do-

cinha, e um convite para ajudar na preparação da “schimia” de uva, da compota de pêra, do doce de abóbora que a vó fazia, não pudesse curar. Hoje, tomando desde a distância estas duas cozinhas de minha infância, cozinhas tão diferentes, não são elas que vejo, senão a mim mesma. A mulher tempestade furiosa de verão, festa de quermesse, barulhenta, ruidosa, encantada e sedutora; a mulher chuva fina de inverno, silenciosa, contemplativa, *encantada e seduzida*.

Fico pensando se a vida inteira da gente não é assim. A minha, ao menos, é. E isso não tem nada do que é divulgado como “distúrbio bipolar”... ! Pelo contrário! Creio que é o trônsito do complexo da vida que ordena as coisas em estradas de

vai e vem. E como a “urbe” da existência é uma megalópole, as estradas acabam passando umas por cima das outras. Daí que se me torna possível pensar, por exemplo, que tudo isso que acontece em minha vida hoje não é nada muito diferente do que já vivi entre as cozinhas de minhas amadas avós. Isso me lembra o Jorge Luis Borges e suas idéias sobre a eternidade. Fico pensando sobre que conversa eu teria com estas duas senhoras se eu lhes dissesse que suas cozinhas me lembram algo sobre a eternidade escrito por Borges. A italiana diria com uma palavra rápida e os olhos nos meus olhos:

- *Atê guria, para de inventar bobagens!* A alemã, por sua vez, apenas sorria.

CRÔNICA

O guri do adesivo e a menina do fósforo

Texto: Elaine Tavares, de Florianópolis

O guri entrou no ônibus lotado das seis da tarde. Esgueirando-se pelo meio das gentes que apinhavam o coletivo começou a cantilena. “Um minuto de atenção, por favor. Eu poderia estar roubando, mas estou aqui oferecendo esse adesivo. Minha família precisa comer...” E por aí foi. As pessoas se mexiam incomodadas, como sempre ficam quando aparece alguém pedindo. Alguns viram a cara para a janela, outros baixam o olhar, outros fingem dormir. Há uma indiferença gritante diante do outro, exposto até as vísceras. Eu não consigo. Aquilo me toca.

Aprendi a ler muito cedo, tinha cinco anos. E o fiz a partir dos livros de história que meu pai comprava aos borbotões dos vendedores que batiam na porta de casa. Ele tinha pena dos pobres homens e nós ganhávamos cultura. Dentre os livros que eu lia estava um, com historietas de Hans Christian Andersen. Uma delas, em particular, sempre me emocionou. Era a da vendedora de fósforos. Numa noite de natal uma gurizinha anda pela rua cheia de neve, tentando vender seus fósforos para poder comer e se aquecer. Ninguém compra. Ela então se abriga numa marquise onde observa as famílias comendo, felizes, celebrando o natal. E ela está sozinha, com frio e com fome. A história termina com a menina morrendo de frio, em pleno natal, porque ninguém lhe havia comprado um fósforo. Aquilo é horrível.

Eu lembro que ficava no tapete, lendo, e questionando minha mãe. Ela tinha sempre as respostas. Uma vez, lendo a história, em lágrimas, comentei indignada: “Alguém podia comprar o fósforo. A gurizinha não morreria”. E minha mãe, da pia, bramiu a face que lavava: “Não deveria era existir criança precisando vender fósforo”. E eu assenti. Era isso.

Depois, cresci, e fui para a vida, para a grande política. Talvez na minha cabeça de menina eu buscasse aquela re-

alidade apregoada pela minha mãe. Viver num mundo em que todos pudessem ter dignidade. Mas as coisas não são simples assim. Então, com Rosa de Luxemburgo, aprendi que, às vezes, temos de caminhar fazendo reforma e revolução, ao mesmo tempo. Por isso, faço sempre o que minha mãe falou: luto para que todos tenham direito à vida boa e bonita. Mas, enquanto isso não acontece de verdade, eu “compro o fósforo”.

E é o que faço quando vejo esses guris nos ônibus, pedindo ou vendendo seus adesivos feinhos.

Não lhes viro a cara, nem finjo que não existem. Gosto de olhar para eles, ouvindo, atenta, toda aquela cantilena, sorrir e estender o que posso dar. Não é musculação de consciência, porque isso não aplaca minha ira. Sei que não muda nada no complexo sistema capitalista que tira das maiorias a possibilidade de viver com dignidade. Mas, nesses momentos, é como se eu ainda fosse aquela guriazinha franzina, deitada no tapete da velha casa em São Borja, vendo a menininha dos fósforos. Eu nunca poderia deixá-la morrer. Se algum cristão, um único, lhe tivesse comprado o fósforo, ela poderia ter seguido seu caminho, virado mulher, transformado o mundo e feito, quem sabe, uma revolução. Era só um fósforo, uma coisa de nada.

Por isso sigo assim, repartindo o que tenho, compartilhando com alegria, sem medo de parecer tola ou piegas. E quando isso acontece é como se eu voltasse àquele universo cinzento das tristes histórias de Andersen e o colorisse. É como se eu estivesse ali, na marquise, comprando o fósforo, e dizendo: “se aquece, e vem. Temos um mundo inteiro a construir”. E a gente saísse dali, saltitando, no rumo da revolução. Eu e a menina do fósforo, incendiando o mundo. Ah... como eu gosto de ter esperanças!

No Egito, do outro lado da linha

Texto: José Newton Tavares, do Egito

Fotos: Elaine Tavares



Chegamos ao Egito tarde da noite. A longa viagem do aeroporto até o hotel, aproximadamente 25 quilômetros, mostrava a dimensão do que nos esperava. Lá nada seria pequeno. Entre uma e outra conversa com o guia, que nos mostrava, pacientemente e em detalhes, lugares e monumentos ao longo do caminho, percebemos que estávamos diante de um mundo novo. Meu olhar se deliciava com aquele mundo "exótico". Jamais eu havia saído da cultura ocidental. Jamais estivera do outro lado da linha. Estava agora dentro do "eixo do mal".

Ali estava eu imerso no mundo muçulmano. Mundo esse que a mídia ocidental teima em demonizar, desfigurar, fazendo com que olhemos para ele com um olhar de mão única. Somos "obrigados" a vê-los a partir daquilo que nós temos e eles não têm. O que nos tira a delícia de vê-los a partir daquilo que eles têm e nós não temos. Mas é preciso estar do outro lado da linha para perceber isso. É preciso trocar de pele.

A grandiosidade do Egito não se resume a templos e estátuas magníficas, pirâmides e faraós. Há isso também. Essas coisas vão buscar os turistas comuns, aqueles que, ao viajar, nunca deixam a si mesmos na soleira da porta de entrada; nunca se despem das suas verdades eternas; nunca se deixam beber pelo mundo que visitam. "Os outros são os outros e só". Esses são os turistas profissionais. Vão apenas visitar a "exoticidade" alheia e voltam como foram: cheios de fotos e vazios por dentro.

Eu, ao contrário, fiz um esforço hercúleo. Andei na contramão. Escutei histórias, contos e sons... percebi lugares, roupas e olhares. Como os antigos beduínos daquelas paragens desérticas, eu esperei que eles se mostrassem para além das chilabas e véus. Esperei que eles mostrassem seus rostos marcados pelo sol escaldante. Fiquei atento aos seus mundos escondidos para além das nossas notícias organizadas e editadas pela rede de televisão CNN. E então a surpresa: um oásis de beleza se revelou. Uma humanidade escondida, preterida, sufocada em nome do capital.

Nosso guia, um muçulmano convicto, mas não radical, apaixonado pela sua cultura, nos brindou com um emocionante relato sobre a forma de viver de seu povo. "Vocês nos olham de fora e não entendem a nossa lógica", dizia. "Nós queremos apenas que nos deixem ser do jeito que desejamos. Não queremos a democracia ocidental. Ela não nos fará bem". Com uma delicadeza de emocionar, ele nos disse o óbvio: confundimos autocrático com autoritário. Acreditamos que nossa "democracia" ocidental é libertária. Será democracia? Liberdade para quê?

O Egito é um país pobre, mas lá ninguém passa fome. Todos se ajudam. Há um senso de comunidade já completamente extinto em nosso "mundo livre e democrático". A religião muçulmana, longe de pregar a "guerra santa", estabelece o dízimo não a uma instituição ou a seu ministro. O dízimo deve ser dado a outro irmão em dificuldade. Com um detalhe: em segredo. Lá não se compra o céu. Ele é dado de graça. Presente divino. Basta alguns instantes dentro da mesquita na Fortaleza de Saladino para perceber isso: a beleza custa barato. Um olhar apenas e nos sentimos no paraíso, acolhedgados, ternamente, nos braços de Alá.

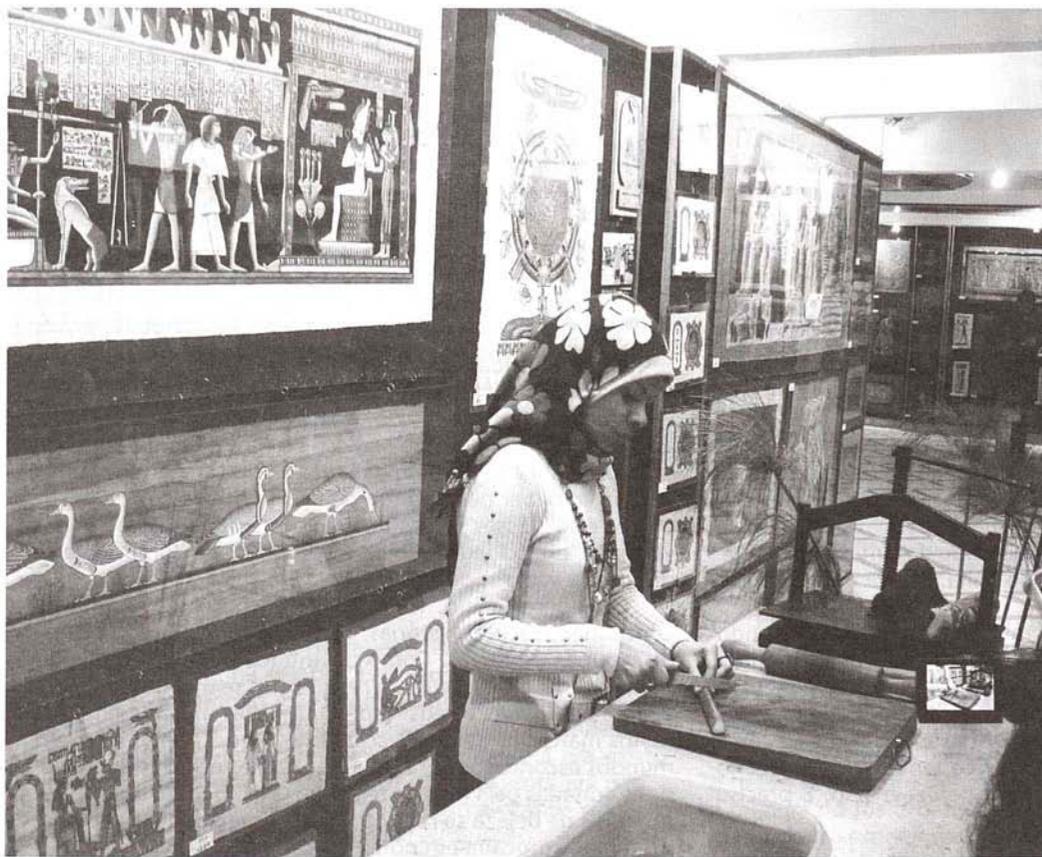
Uma pequena história exemplificará. Eu e minha irmã estávamos comprando chilabas em uma pequena loja - numa espécie de shopping do islã - na delicada cidade de Aswan. Cada vendedor se esforçava para ganhar seu freguês. A insistência beirava a insanidade. Na correria para dar o troco,

e não perder os clientes, nosso vendedor caiu e machucou a perna. Imediatamente todos os que, antes, de digladiavam em busca de freguês, acorreram ao irmão machucado. Ele parecia importante demais. Lá é assim: primeiro a pessoa, depois a mercadoria. Quão diferente do nosso mundo "democrático e livre".

As ruas do Cairo também falaram, assim como suas roupas, seus gestos e buzinas (lá a buzina é uma forma de cumprimento). Há algo naquela cidade incompreensível para nossa cultura "democrática e livre": o trânsito. Aparentemente não há lei. Os carros, em disparadas, entram onde podem e, pasmem, ninguém briga. As batidas são frequentes. Os carros, quase todos, são marcados. Ninguém mata nem morre por um paracheque amassado. É um carro, de plástico/lata. Apenas um carro. Porque brigar? Só pensa assim quem não inverteu valores. Lá amam-se as pessoas e usam-se as coisas. Quão diferente do nosso mundo "democrático e livre". E o que dizer das mulheres muçulmanas? Tão aviltadas pela mídia ocidental como oprimidas, relegadas a segundo plano, massacradas e esmagadas na sua feminilidade? Pergunte a elas. Foi o que fizemos. Qual a surpresa? Elas não se sentem oprimidas. A maioria se sente muito bem usando o véu e a chilaba. É a cultura. É seu jeito de viver. Isso em nada depõe contra sua feminilidade. Lá a maioria das famílias está integrada. Vivem juntas até a velhice na saciedade da comunidade, com os filhos e netos. A ideia do amor romântico não é preponderante. Casa-se pelo olhar.

A nossa ideia de relacionamento amoroso seria melhor ou mais livre? Nós, que casamos por tesão, seríamos mais felizes? A crítica é que lá os casamentos são arrumados, não há amor. E aqui há? As estatísticas dizem que no Brasil a cada oito minutos uma mulher é agredida por seu companheiro. A cada dia uma é morta por esse mesmo homem que lhe jurou "amor" eterno. As delegacias da mulher se entopem a cada dia. Sem contar as milhares que não denunciam, por medo. E a mulher ocidental, escrava de uma beleza inatingível, de uma ideia de amor idílica e criminosa, ainda acredita ser livre. Livre para apanhar ou morrer como quiser nas mãos do seu amado. Mas morrerá sarada, linda de morrer.

É preciso estar do outro lado da linha, verdadeiramente, para perceber



Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que nós somos os escravos. Nós somos os coitadinhos. Nós é que estamos doentes.

O mundo “livre e democrático” da democracia estadunidense ora imposta ao mundo é escravizante, desestruturante e assassino. Por isso eles, lá no Egito, não a querem. Sabem que nessa democracia os grandes valores da vida humana jazem sob o capital e a única ética que sobrevive é a ética do mais forte.

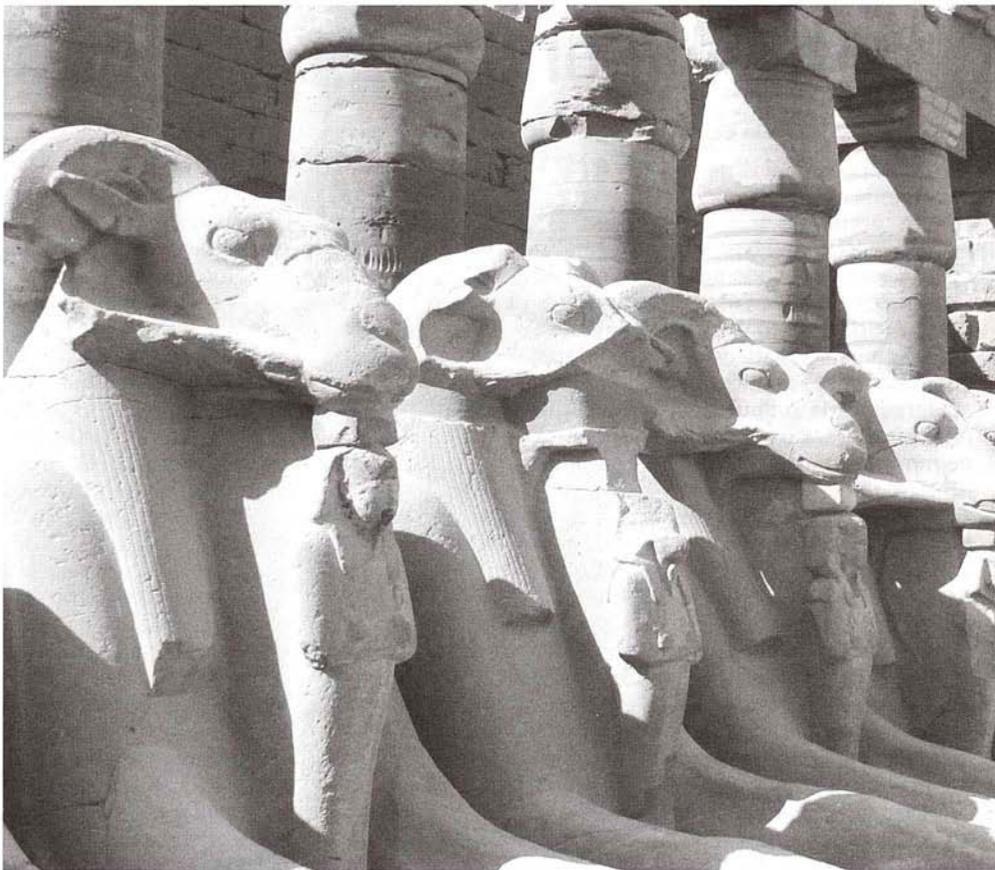
No “mundo livre” as mercadorias falam. Surpreso? Vá a um shopping qualquer. Fique atento e ouvirá o grito das mercadorias. A moça entra na loja, experimenta uma calça, mas ela não entra. A moça está acima do peso. Delicadamente a vendedora coloca a calça de volta na prateleira. A calça grita: “Moça! Você está gorda. Vá fazer uma lipoaspiração. Academia. Se vira. Você está feia. Depois volte. Eu ordeno”. Dito e feito. A moça investe tempo e dinheiro, sofrimentos e angústias. Faz regime. Caminhada.

Academia. Fica gostosa.

Volta na loja na ilusão de que agora ela vai comprar a calça. Ledo engano. A calça a comprou. Há muito tempo. A mercadoria a monitorou o tempo todo, silente, da prateleira. Escrava. Totalmente escrava. Mas não tem importância. Ela vive num “mundo livre”. Poderá passear linda e saltitante com sua calça nova, seu corpo escultural e uma estranha sensação de que nunca será amada, somente desejada.

“Aqui não sabemos o que é depressão”, nos disse o muçulmano Abdel Aziz. Palavras estranhas para um ouvido ocidental. Nós vivemos numa angústia crassa. Os consultórios psiquiátricos estão lotados. Crise de ansiedade, crise de pânico, depressão. Essa é a maravilha do “mundo livre”. Preferimos um corpo sarado, malhado, à mostra, umbiguinho de fora, embora desfigurado por dentro. Retorcidos. Almas em escombros. Mas “livres”.

O corpo e o sexo se tornam as vias régias para a felicidade. Consumir. Somos corpos que consomem corpos. Mas há algo errado. Os urologistas afirmam que 48% dos homens acima de 18 anos sofrem de algum tipo de disfunção sexual. Aproximadamente metade das mulheres nunca sentiu orgasmo. Confundem a profundidade do amor com um ralo prazer sexual. Estranho. Se no “mundo livre” felicidade é consumir coisas e sexo e se nesse mundo nunca foi tão fácil consumir coisas e sexo, porque a metade dos homens e mulheres são infelizes? Incapazes de sentir o mais terno dos sentimentos:



o amor? Mistérios do mundo livre.

Uma conversa rápida com qualquer egípcio médio, esses que estão olhando agora para um novo Egito, basta para perceber que eles vibram em outra frequência, lutam por outros valores e querem outros paraísos, não esses prometidos pela democracia liberal, mas o verdadeiro paraíso humano da bondade, fraternidade e liberdade. Claro que há problemas. Não estou idealizando e glamourizando a cultura muçulmana. Nem tudo são rosas, como em todo lugar. Apenas acredito que não cabe a nós, “democratas ocidentais”, interferir nas suas buscas. Eles têm outra lógica, outra forma de olhar o mundo. Portanto, tem também as soluções. A questão é deles. Por que raios deveríamos dizer o que é certo ou errado? Acaso estamos nós em melhores condições?

Olhar o mundo muçulmano através daquilo que eles têm e nós não temos muda tudo. É um exercício psicanalítico. Um mergulho no nosso vazio. Uma imersão na nossa dor e nossas mazelas. Não é para todos. Dói. Perceber que entregamos ao deus capital a nossa dignidade humana não é algo muito seguro. Perceber que eles ainda mantêm valores essenciais nos incomoda. Para eles, quem deve mandar na sociedade é Alá e não o capital. Que heresia! Disso decorre toda uma outra forma de viver. Outra lógica. Outro olhar. Outra delicadeza. Mas para perceber isso é preciso sempre estar do outro lado da linha.

Um mundo onde caibam muitos mundos

Texto e fotos: Marcela Cornelli,
do México

Era janeiro de 2010, numa manhã fria em San Cristóbal de las Casas, no Estado de Chiapas, Sul do México. Andar por San Cristóbal de las Casas é respirar ares de insurreição popular. A cidade foi palco do Movimento Zapatista em 1994.

“Somos a dignidade rebelde”, “Zapata vive”, “Pela liberdade dos presos políticos”. As inscrições nas ruas já próximas ao terminal de ônibus demonstram que não estamos em qualquer lugar no México, mas sim em uma cidade rodeada de montanhas repletas de histórias de resistência e luta.

Em 1º de janeiro de 1994, enquanto o presidente mexicano Carlos Salinas comemorava a entrada em vigor do Nafta (Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), unindo o Canadá, o México e os Estados Unidos, de armas em punho, os zapatistas marcharam sobre sete cidades do estado mais pobre do México, entre elas San Cristóbal de las Casas, onde fincaram a bandeira do movimento EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional). Inspirados pelas ideias de Emiliano Zapata, um dos líderes da revolução mexicana de 1910 que lutava por Terra e Liberdade, e formado na sua maioria por indígenas camponeses insurgentes, o Movimento Zapatista até hoje inspira a luta e a resistência anticapitalista.

Mas falar dos zapatistas nas ruas de San Cristóbal de las Casas ainda é um tabu. Nenhuma empresa de turismo levava turistas ao território dos zapatistas. Perguntava-se para um, para outro e até mesmo na Prefeitura da Cidade as informações eram desencontradas. Você podia pegar um ônibus e subir as montanhas, ou pegar um taxi, mas não deveria ir tarde, porque depois das cinco da tarde ninguém é bem recebido por lá.

A cidade charmosa e linda ao entardecer também mostra a pobreza do estado mexicano. Mulheres e crianças indígenas e camponesas vendem, nas praças e ruas, canetas e outros artefatos, todos com o rosto do subcomandante Marcos, um dos símbolos do movimento. É Chiapas. E tudo ali lembra o Levante Zapatista. Foram dois dias em San Cristóbal tentando alguma informação mais concreta, até que um papelzinho pequeno e amarelo pendurado em um mural de uma empresa de turismo chamou a atenção e dizia algo mais ou menos assim: Guia para Oventic – território Zapatista, com Tere...”. Anotei o telefone e corri para ligar. Oventic é uma comunidade zapatista onde o acesso a turistas é mais fácil e poderia dar certo, apesar dos boatos na cidade de que eles não estavam recebendo nenhuma visita, pois recentemente havia ocorrido um sequestro de um parlamentar, o qual teria sido atribuído ao zapatistas, e o movimento se fechou como um “caracol”, símbolo e como são chamadas as comunidades zapatistas.

María Teresa Santiago Hernández, me levou, junto com mais alguns turistas e meu companheiro de viagem, ao Caracol de Oventic. Isso depois de inúmeras recomendações,

entre elas a de que eu não poderia entrar como jornalista, só como turista. E assim foi.

A cada quilômetro subindo as montanhas meu coração se emocionava mais. Lá em cima, no pico das montanhas, o nevoeiro já encobria tudo. Logo a neblina chegaria a Oventic, daí porque o horário do Caracol era adiantado em uma hora em relação ao horário do país e as visitas só eram recebidas até as cinco da tarde. Depois de muito andarmos, em dois taxis, e subirmos, subirmos, ziguezagueando pelas montanhas, vimos, emocionados e apreensivos, a primeira placa: “Você está em território Zapatista. Aqui manda o povo e o governo obedece”. Em um portal logo à frente uma mulher e dois homens nos receberam. Pegaram nossos passaportes. Tere, nossa guia, informou que erámos todos professores.

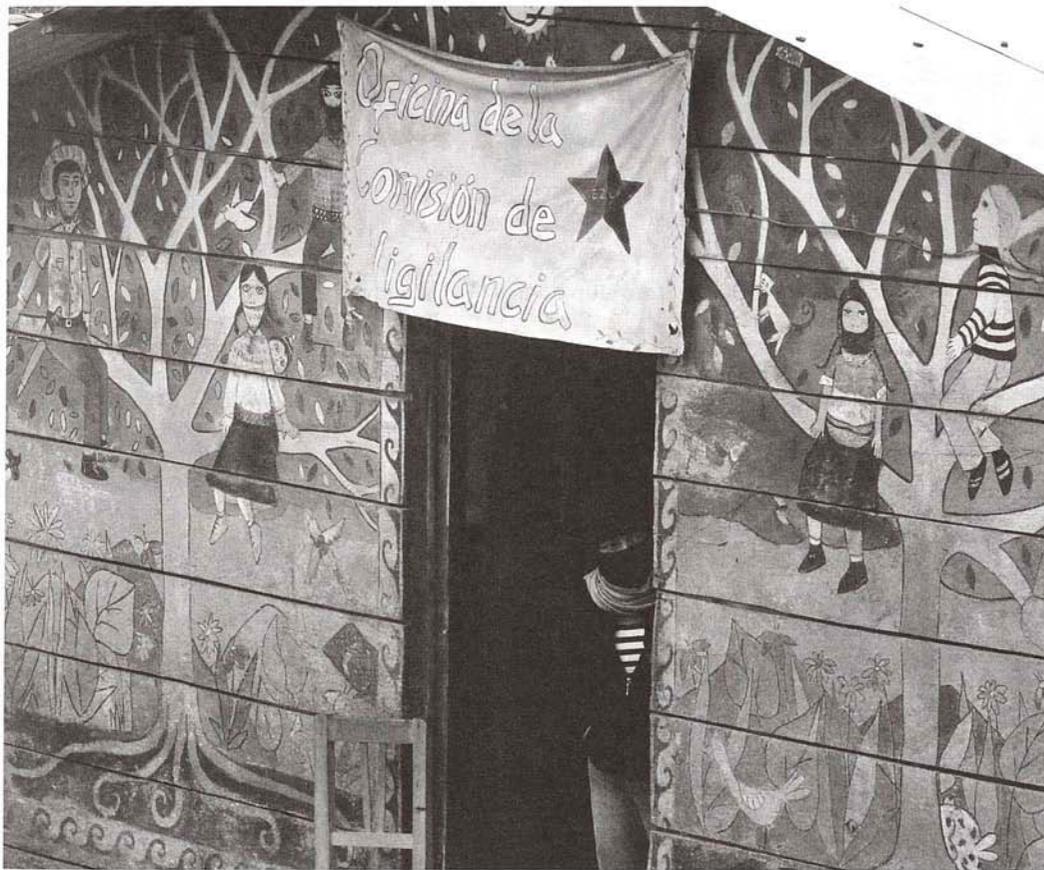
Com exceção de mim e de um menino japonês, todos eram realmente. Jornalistas e advogados não eram bem vindos ali, então não pude me identificar. Depois de uma meia hora voltaram com os passaportes. E entramos. Eu como turista, sem poder fazer perguntas nem fotos que identificassem as pessoas da comunidade. Bom, quem é jornalista pode imaginar o tamanho da minha frustração.

Limitei-me a aproveitar aquele rápido contato com os zapatistas e a andar pela comunidade. Sempre acompanhados de dois homens encapuzados, fotografamos a cooperativa de mulheres, a tenda da comissão de vigilância, a clínica de saúde, a oficina da Junta de Bien Gobierno (as Juntas de Bien Gobierno governam as comunidades zapatistas e são substituídas todos os meses), que não nos recebeu naquele dia, ainda como resquício do sequestro do parlamentar, a escola secundária e primária, a quadra de basquete, as casas dos moradores e seus belos murais. Compramos artesanato feito no local como forma de contribuir com o movimento. Trouxe comigo vários lenços bordados pelas crianças de Oventic. A escola estava fechada naquele dia.

Para se ter acesso aos demais Caracóis, todos mais isolados na montanha ou na selva, precisaria de permissão e isso levaria com certeza mais dias. Tempo e dinheiro para permanecer na região me faltavam. Então, fui embora com os demais respirando o ar da montanha e da revolução e levando comigo a certeza de que aquele povo mostra ao mundo que uma outra forma de organização e social é possível.

“Quem mande, mande obedecendo”

“A educação escolar indígena zapatista é uma ferramenta para o encontro com os saberes de seus povos e para a aprendizagem da cultura do colonizador tão importante nesse contexto de dominação e resistência. É ainda uma arma, de palavras e não de fogo, para que a luta zapatista continue”,



afirma Adriana Inês Strappazon, que também em 2010 teve a oportunidade de ficar dois meses em Chiapas - de meados de janeiro a meados de março-, no Caracol Resistência y Rebeldía por La Humanidade, de Oventic. Na época, Adriana estava no local pesquisando e como resultado de seus estudos realizou o trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina intitulado: "Escolas Autônomas Rebeldes Zapatistas: etnografia da educação escolar autônoma do Caracol de Morelia".

Adriana acompanhou os trabalhos em escolas secundárias das comunidades zapatistas, principalmente nas aulas de matemática. A estudante teve a oportunidade em Oventic de ser recebida pela Junta de Bien Gobierno, que lhe contou a história e a luta do povo zapatista.

Em seu trabalho, ela diz que a terra chiapaneca é uma terra rica. "Nela os indígenas tzaltales, totziles, tojolabales, choles, zoques, mames, e outros grupos descendentes maias, iam bordando as plantações de café, milho e feijão, cultivando a vida", cita a pesquisadora. "O Exército Zapatista de Libertação Nacional não criou a resistência indígena. Ela foi se gerando dentro de 500 anos desde a chegada do europeu com seu pensar e seu agir. Além disso, não podia vingar uma guerrilha naquelas montanhas sem o apoio das comunidades", diz Adriana.

Ao amanhecer do dia 2 de janeiro de 1994, os zapatistas

leram em San Cristóban de las Casas a Primeira Declaração da Selva Lacandona, explicando os princípios de sua luta. Depois da insurreição zapatista muitas terras indígenas foram recuperadas. No entanto, ao passar dos anos, muitos acordos com os zapatistas foram quebrados e o governo mexicano continuou a ignorar e a discriminar a grande massa da população indígena que forma o país. Os zapatistas ainda resistem nos cinco caracóis existentes na região de Chiapas. "O mundo que se constrói em território rebelde zapatista é um mundo que se busca bordar por uma nova relação com o poder e se busca é que quem mande, mande obedecendo, a autoridade se estende tanto ao povo, quanto àqueles que têm a legitimidade de governar", reforça Adriana.

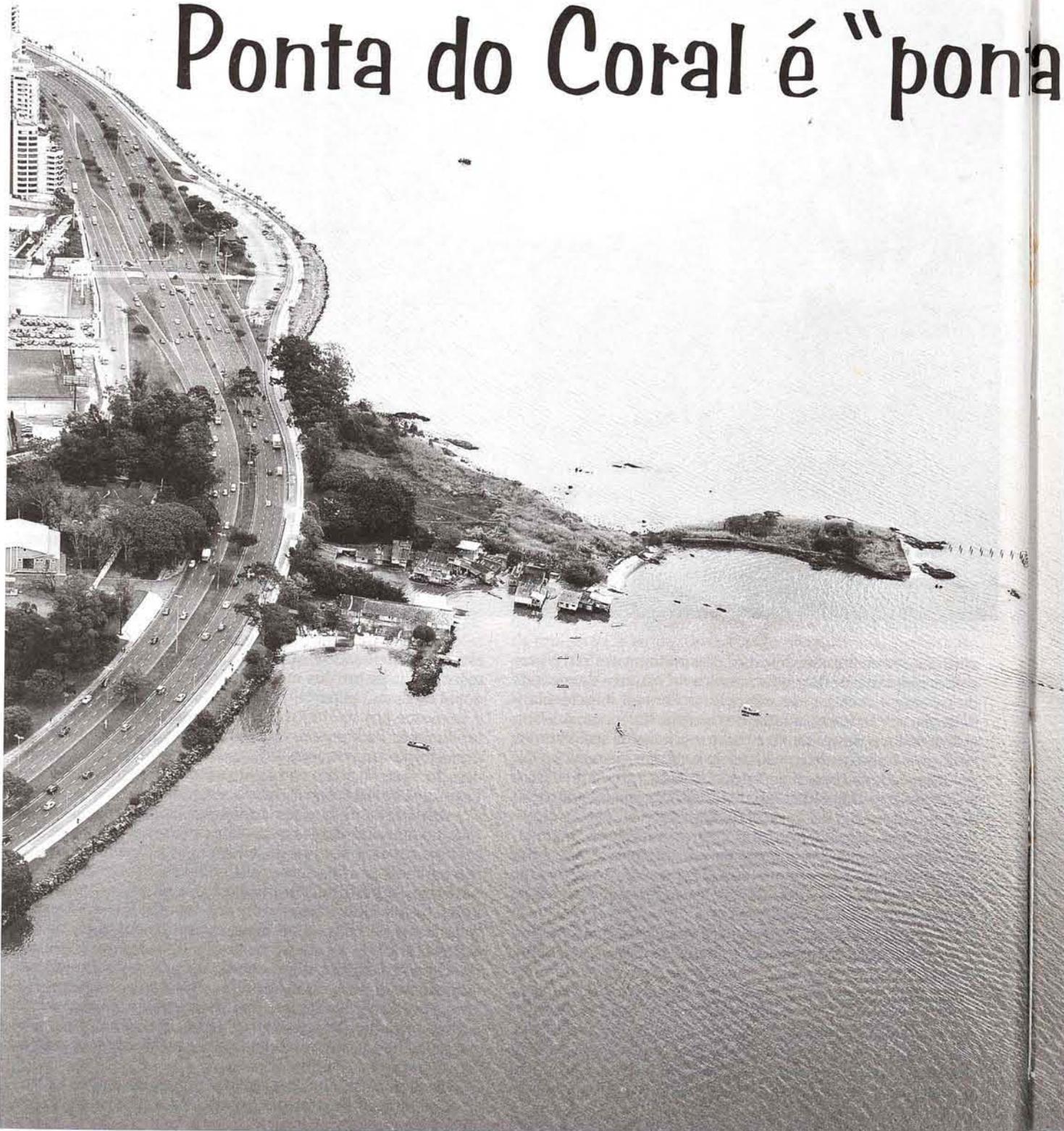
Segundo ela, o caracol volta-se para dentro e para fora a fim de que os zapatistas possam conduzir

sua luta pela saúde, que é uma luta pela vida: "Reúnem-se os conhecimentos dos mais velhos, chamam-se os arrumadores de ossos, as parteiras, os saberes das ervas medicinais e se recebe aos solidários que lhes ensinam sobre o seu entendimento de inumeráveis doenças das quais os indígenas morrem por desconhecerem causas e tratamentos. Com os recursos que dispõem vão se erguendo casas de saúdes nos territórios comunitários", relata a estudante.

Adriana conta que com todas as dificuldades, inclusive a falta de material escolar e luz elétrica nas escolas zapatistas, foco principal de seu estudo, ensinam-se 11 matérias: saúde, matemática, história, geografia, política, "lecto escritura", natureza, cultura (local), produção, esportes e artes. Para esses povos indígenas e camponeses, diz ela, a luta pela autonomia na educação é uma estratégia social de defesa do território, de afirmação cultural e de transmissão de conhecimentos significativos social, cultural e politicamente. "Os zapatistas não estão sozinhos. As lutas por autonomia, com suas particularidades, têm se desenhando por todo o continente latino-americano. Indígenas, quilombolas, camponeses, excluídos, vão rabiscando a superfície colonial através de sua rebeldia", afirma Adriana.

O movimento zapatista segue inspirando muitos outros movimentos anticapitalistas mundo afora. Que os ventos de Chiapas soprem por aqui.

Ponta do Coral é "ponta" da luta por território



Texto: Miriam Santini de Abreu, de Florianópolis
Foto: M.C.

Ouvi dia desses a seguinte pergunta: - Mas por que tanta confusão por causa de uma ponta de terra?

A ponta mencionada é a Ponta do Coral, que aparece na foto desta página e na capa da revista. Ela é vizinha da Casa do Governador, na Avenida Beira-mar Norte, que aparece nos cinco primeiros lugares do ranking de metro quadrado mais caro do Sul do país. Então, essa "confusão" por uma "ponta de terra" carrega algo muito maior. Ela representa, em Florianópolis, a luta das diferentes classes sociais pela localização (melhor ou pior) no território. É uma luta desigual.

E que território é esse? Depende do ponto de vista de quem dá a resposta. Veja a da Hantei Engenharia, que ali na Ponta planeja construir um hotel-marina com 22 pavimentos (!) e 661 apartamentos. A empresa, em sua página na internet, usa adjetivos como "uma das cidades mais dinâmicas do mundo", cidade "do novo século", "capital mais saudável do país", "reserva da biosfera urbana modelo". Mas quem mora nas áreas de risco dos morros de Florianópolis, e que treme de pavor a cada tempestade que varre a Ilha, não vai citar esses adjetivos. Para os moradores dos 65 assentamentos ou comunidades de baixa renda do município, com precárias condições de água, luz, educação, saúde e transporte, esses conceitos de "marketing" são vazios.

A luta por esse "pedacinho de terra perdido no mar" ficou aguda desde a segunda metade dos anos 1980. Famílias empobrecidas se organizaram e houve muitas vitórias, com a legalização de áreas onde antes as pessoas eram vistas como "invasoras". Mas também nessa época a capital catarinense ficou sob os holofotes por ter virado uma mercadoria apetitosa e lucrativa, a "Ilha da Magia". Mercadoria turismo. A disputa ficou mais forte.

A Ponta do Coral é hoje um dos símbolos deste embate. Há outros. Mas falamos dela porque a decisão sobre a forma de ocupação a ser feita ali sintetiza boa parte do que, no Brasil, transforma o cidadão em consumidor e faz dele alguém em busca de privilégios, e não um sujeito de direitos. Essa frase é de um grande geógrafo brasileiro, Milton Santos.

A gula pela mercadoria turismo afeta outras paragens, como em Recife, onde a poderosa construtora Queiroz Galvão, aliada a outras empresas, à prefeitura de Recife e ao governo de Pernambuco, planeja construir um empreendimento gigantesco batizado de NovoRecife, mas sob protestos do movimento social e ambiental. Coisa bem parecida com a Ponta do Coral, onde os empreendedores, o poder público e a mídia se unem em torno do discurso da geração de empregos, do "desenvolvimento sustentável" e da "inclusão social".

A Hantei, por exemplo, é a patrocinadora do Jornal do Almoço, da RBS TV, que mostra o suntuoso projeto da em-

presa para a Ponta do Coral a cada vez que fala dele. No link indicado no final deste texto, o representante da prefeitura, em um debate no programa Conversas Cruzadas, da mesma rede, discursa em favor do empreendimento de forma mais entusiasmada do que o próprio representante da empresa. Diz que o hotel-marina irá eliminar um problema de Florianópolis, "que é uma favela no centro mais caro da cidade", referindo-se às moradias de pescadores existentes no local.

O representante do Instituto de Planejamento Urbano (IPUF) da Capital ainda defende a empresa e se diz também um defensor da lei, mesmo diante dos nebulosos fatos pelos quais a Ponta do Coral virou área onde é possível a construção de um mega-hotel.

Lei para quem?

O terreno era ocupado por particulares até 1930, quando a Standard Oil, depois a Esso, fizeram ali um depósito de combustíveis. Em 1960, a Esso vendeu a área para o Governo do Estado e, em 1979, houve a transferência para a Fucabem – que controlava os chamados "Abrigos de Menores". Depois de um incêndio no local, em 1980 a Fucabem, através do governador do estado na época, Jorge Bornhausen, vendeu o terreno para a Carbonífera Metropolitana. Depois a dona foi a Carbonífera União e, mais adiante, em 1991, a Nova Prospera Mineração, agora parceira da Hantei no negócio. Nos anos 80, portanto, o terreno público passou a ser privado.

Essas informações estão no projeto "Breve histórico sobre a Ponta do Coral em Florianópolis - do século 18 aos dias atuais", produzido pelo gabinete do ex-vereador Mauro Passos. Em 2000, o projeto dele que transformava aquela área em Área Verde de Lazer parecia estar no ponto para virar realidade.

Dois anos depois, o PLC 245/2000 foi levado à primeira votação, sendo aprovado por unanimidade entre os vereadores presentes no Plenário da Câmara. Mas manobras na relatoria do projeto fizeram com que, em 2005, fossem aprovadas emendas que permitiram a possibilidade de construção de hotel. Foi do mesmo modo – mudando a lei – que o projeto do Costão Golf, no norte da Ilha, saiu do papel. É assim. A lei vale quando beneficia quem tem poder de pressão para dela tirar lucro, como ficou claro na Operação Moeda Verde, que desnudou a corrupção que permite a construção de empreendimentos ilegais na Capital.

Mas há resistência contra isso, graças à qual Florianópolis hoje tem espaços públicos de lazer como o Parque da Luz, na cabeceira insular da Ponte Hercílio Luz, que foi o resultado da mobilização - desde o final dos anos 80 - da associação local,

do movimento ambientalista e de universitários.

O movimento popular agora está fazendo circular um abaixo-assinado "SOS Florianópolis - Ponta do Coral Pública e sem edificações e pela criação do Parque Cultural das 3 Pontas". São elas a Ponta do Coral, a do Goulart e a do Lessa, as três vizinhas ao Manguezal do Itacorubi. O objetivo é que a Câmara de Vereadores aprove o projeto para criação do Parque. A imprensa, porém, quando fala do assunto, só dá destaque para a ideia faraônica da Hantei.

Fernando Pires, estudante de Arquitetura da UFSC, que está envolvido na proposta de criação do Parque, resume: "A questão central é a apropriação pública ou privada, é o espaço, que é coletivo e que pode ser para benefício de todos da cidade, ser apropriado para benefício de poucos. Isso acontece na cidade como um todo".

O professor Flávio Villaça, que no dia 5 de maio fez palestra sobre o tema "Espaço Urbano e Conflitos Sociais" na UFSC e tem várias publicações sobre o tema, elucida a questão.

Ele diz que a terra urbana só interessa como terra-localização, como meio de acesso a toda a cidade. Portanto, a acessibilidade é o valor de uso mais importante para a terra urbana. De um de seus livros, pincei uma frase isolada que retrata a luta que envolve a Ponta do Coral: "Apenas os terrenos vagos têm seu preço continuamente atualizado; só, entretanto, quando estiverem com o uso certo no momento certo, estarão com seu valor plenamente realizado".

Ora, um terreno que passou de mão em mão ao longo de décadas, e agora está localizado em um metro quadrado "vip" da Ilha que virou "Meca do Turismo", está no momento certo, para seus supostos donos, para ser devorado. Segundo pesquisa divulgada em maio, Jurerê Internacional é o terceiro endereço mais caro do Brasil, com preço médio do metro quadrado entre R\$ 9,5 mil e R\$ 9,7 mil. Em seguida aparecem a Avenida Beira-mar – onde está a Ponta do Coral -, Ingleses e Praia Brava.

Aplausos pagos

A violenta pressão dos empreendedores, com apoio da prefeitura, ficou evidente na Audiência Pública realizada no dia 22 de novembro do ano passado na Assembleia Legislativa. A Hantei e seu "staff" esmeraram-se em apontar os supostos benefícios do hotel-marina, sob aplausos de muitas pessoas que foram pagas para isso. O fato, testemunhado por participantes da Audiência e gravado em vídeo, foi mostrado pelo falecido blogueiro Amilton Alexandre, o Mosquito, conhecido por desmascarar, com provas documentadas, as falcatruas dos poderosos da Capital.

O blog, por decisão judicial emitida pouco antes da morte de Mosquito, saiu da internet.

Apesar da presença da "tropa da choque" da Hantei naquele dia, com advogados e profissionais de diferen-

tes áreas, o movimento que luta pelo uso público da Ponta do Coral conseguiu desvelar as artimanhas da empresa e da prefeitura para viabilizarem o projeto. Na Audiência, a Secretaria de Patrimônio da União (SPU) deixou claro que a empresa pode fazer a obra se respeitar a legislação, mas apenas na área que a ela pertence. Só que, para o hotel-marina sair do papel, a Hantei precisa aumentar a área com um aterro que irá tomar área pública. Mas a SPU deixou claro: a empresa não pode reivindicar a área pública, não pode aterrar nem a sua parte nem a parte pública, visto que o aterro não é permitido a particulares e ninguém pode criar solo para si. Solo só pode ser criado para interesse público.

No dia 23 de março deste ano, houve um Ato em defesa da Ponta do Coral, lá mesmo, onde, desde o início do século passado, moradores da região passeiam e pescadores tiram seu sustento. O arquiteto Loureci Ribeiro, um dos organizadores do Ato, deixou claro que a situação de abandono atual da Ponta do Coral só ocorre porque o poder público assim quer.

O local é deixado em espera, enquanto germina a especulação. Loureci disse que representantes das elites políticas atrasadas, empresários, prefeitos e vereadores inescrupulosos, fazem da coisa pública e dos cargos públicos instrumentos e objetos de suas rendas e de seus financiadores de campanha. "Assim a cidade deixa de ser espaço de realização plena e digna de vida para o conjunto da população e para nossas futuras gerações", afirma o arquiteto.

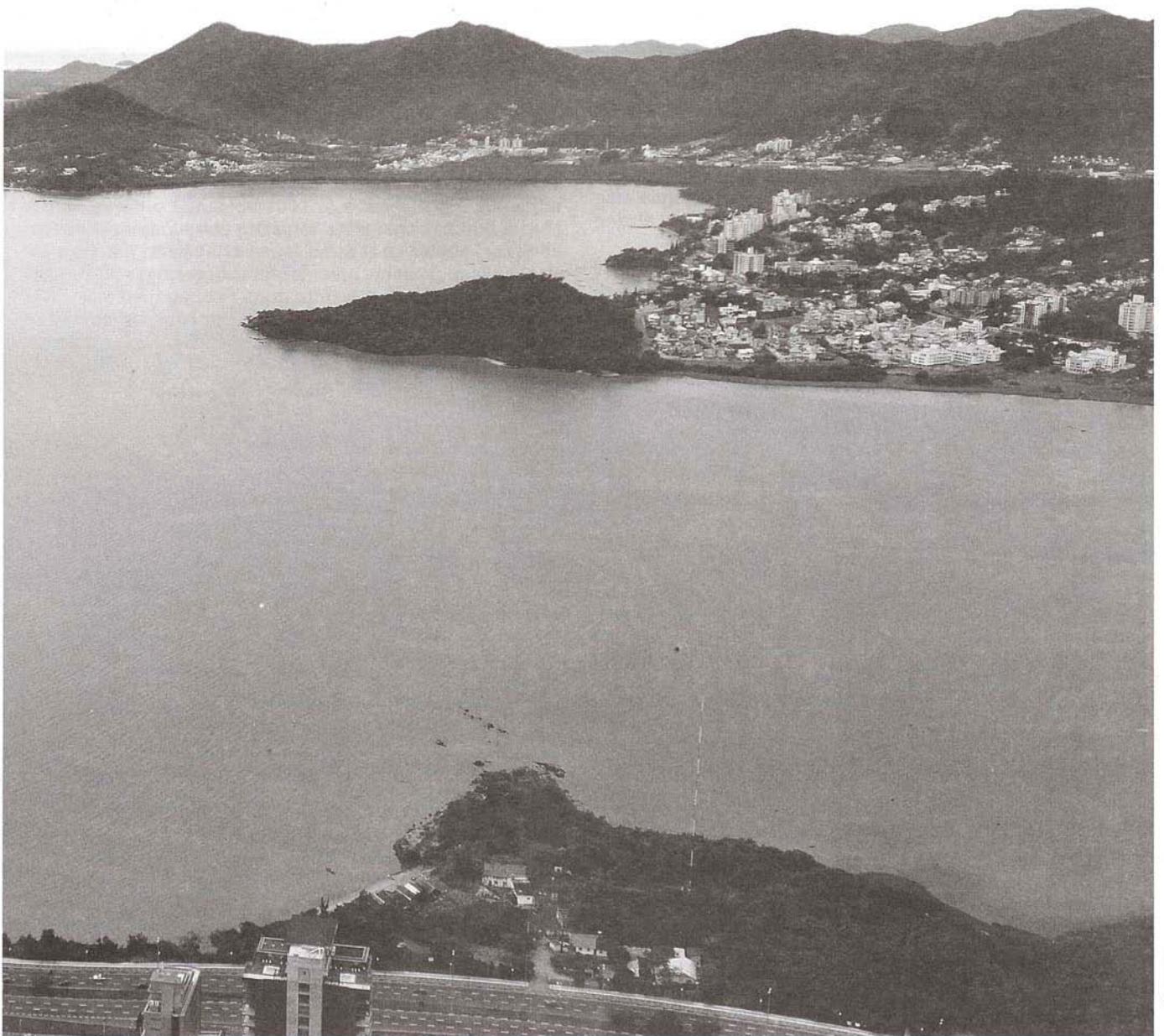
Na Audiência Pública feita no ano passado, um morador do bairro onde está a Ponta do Coral afirmou que nunca havia entrado em um transatlântico. Por isso, apoiava a construção do hotel-marina porque, pelo menos, veria um transatlântico de perto.

Lembrei-me do que diz o geógrafo Milton Santos em um de seus livros: "Cada homem vale pelo lugar onde está; o seu valor como produtor, consumidor, cidadão depende de sua localização no território". Então eu disse àquele morador que não dá gosto ver ou entrar em um transatlântico. Gosto mesmo é ter direito pleno ao mar e à cidade. Por isso, a Ponta do Coral não é "só uma ponta". Ali deve ser localização para todos, e não apenas para transatlânticos e afortunados capazes de pagar a diária do mega-hotel da Hantei.

A Ponta do Coral tem que ficar aberta a todo olhar e corpo que lhe queira contemplar.

Veja mais em:

- <http://parqueculturaldas3pontas.wordpress.com>
- Novo Recife: <http://vimeo.com/39050957>
- Conversas Cruzadas sobre a Ponta do Coral: <http://www.youtube.com/watch?v=droMV70fAkI>
- <http://www.youtube.com/watch?v=c4ITDGiMC0s>



Florianópolis, uma cidade a se ganhar

Texto: Elaine Tavares, de Florianópolis

Fotos: Marcela Cornelli



As eleições municipais já estão chegando e, com elas, se acirra a disputa pelo voto e confiança do eleitor. A cada quatro anos, vê-se a mesma coisa. Belos discursos, muitas promessas, mas, ao final, o que fica é um gosto amargo de engano e abandono. Só que como os políticos apostam no esquecimento do eleitor, boa parte deles retorna com a mesma retórica, esperando enrolar outra vez o morador da cidade que vive cotidianamente tentando sobreviver ao arrocho que lhe é imposto pela classe dominante. Por conta disso, é sempre bom ter bem claro quais são as forças que estão em disputa e o que cada candidatura representa. Com isso bem vivo na memória, ninguém poderá dizer que foi enganado.

O que está em disputa

A cidade de Florianópolis é a capital de Santa Catarina e, além da ilha, tem também uma parte continental, perfazendo 433 quilômetros quadrados. Nesse espaço geográfico vicejam em beleza mais de 100 praias, talvez o mais importante patrimônio do município. A população passa dos 427 mil, segundo o Censo de 2011, e a tendência é aumentar significativamente nos próximos anos uma vez que a cada dia aportam cerca de 15 novas pessoas na cidade buscando aquilo que a propaganda oficial tanto apregoa: qualidade de vida. Até bem pouco tempo atrás a cidade era um pacato reduto de funcionários públicos, mas desde o final dos anos 80, com a explosão migratória, a cidade inchou. Nos anos 90, Florianópolis foi “descoberta” pelas construtoras, que começaram a edificar como loucas, apostando principalmente nos enormes espigões, verticalizando a vida. Foi aí também que a cidade começou a ser “vendida” como um dos melhores lugares do país para se viver.

Aos poucos Florianópolis entrou no circuito turístico e empreendimentos como o Costão do Santinho e Costão Golf passaram a dar a linha de um turismo para a classe A. Comunidades inteiras foram varridas das beiras de mar e, no lugar delas, subiram os condomínios, os hotéis, as construções de luxo. Praias como a Brava, por exemplo, que eram paraísos naturais, foram devastadas e as máquinas ergueram prédios onde antes a natureza vibrava em beleza. Ou seja, a paisagem passou a ser apenas o mar, cenário exótico para férias de luxo. Aos poucos, os moradores da cidade foram perdendo espaço, engolidos pela lógica do turismo como negócio e o velho turismo comunitário perdeu força, sobrevivendo pontualmente em alguns redutos da ilha.

O turismo como “puro negócio” para um grupo muito seleto de pessoas começou a ser “desenvolvido” também na ilegalidade. A Operação Moeda Verde, da Polícia Federal, deflagrada em 2007, desvelou todo o esquema de compra de licenças ambientais que tornou possível boa parte dos empreendimentos imobiliários e turísticos que invadiram a cidade. Nomes de empresários altamente “respeitáveis” foram para a lama, mas ao fim e ao cabo, da lama se levantaram e seguiram com seus negócios.

Hoje, Florianópolis enfrenta mais uma onda de “progresso empresarial”, principalmente no sul da ilha de Santa Catarina, com a construção desenfreada de prédios, inclusive

em locais de proteção e preservação ambiental. A ação da Câmara de Vereadores, em sintonia com o empresariado, permite alterações de zoneamento que vão devastando a ilha e, a cada dia, empurrando as pessoas de menor poder econômico para a periferia da ilha ou para as cidades vizinhas.

Os lugares de beleza, então, tornam-se espaços de vida boa apenas para os ricos. Os nativos e os trabalhadores pobres já praticamente não têm acesso à cidade.

O fato é que a capital catarinense é uma presa ainda muito sucudente para o mercado imobiliário, embora a escolha pela lógica do carro tenha tornado a mobilidade urbana um pesadelo para a maioria da população. Mas, como para os ricos, a questão da mobilidade não parece ter muita importância, isso fica obscurecido nos panfletos de “bem viver” que se distribuem pelo país afora. São os trabalhadores que vivem nas periferias os que precisam amargar as longas filas e as esperas nos ônibus mal ajambrados. Para eles, as soluções são sempre furadas, como é o exemplo da duplicação da SC-405, que apenas mudou a tranqueira de lugar. Ideias mirabolantes como uma quarta ponte de ligação entre ilha e continente são arapucas para a maioria das gentes e boas unicamente para engordar a conta bancária das empreiteiras. Assim, os pobres vão pagando a conta do bem viver de meia dúzia.

Quem são os sujeitos da cidade

Nesse universo da cidade que se transformou - nos catálogos de venda - em “ilha da magia”, a única magia que realmente acontece é a sistemática vitória daqueles que representam justamente o processo de destruição da beleza natural e do ambiente, e de empobrecimento da maioria das gentes. Eleição após eleição, os pobres seguem mais pobres, e os ricos mais ricos. As promessas feitas na televisão e nas visitas dos candidatos em época de eleição se perdem no vazio. As melhorias que acontecem nas comunidades só avançam por força de muita luta e organização, ou, então, por conta de algum “jeitinho” baseado em favores pessoais que mantêm cativos povo e comunidade.

Dados do censo de 2010 dão conta de que as famílias com renda maior do que 20 salários mínimos (12.440 reais) não passam de 13 mil. A chamada classe média fica no meio e famílias que ganham de 5 a 20 salários mínimos chegam a 61 mil. A maioria é formada pelas famílias com renda variando de meio a cinco salários mínimos (entre 300 a três mil reais), que chegam a quase 68 mil.

Nesse grupo de famílias que são consideradas de baixa renda, grande parte vive em alguma das 64 áreas de periferia da cidade, em bairros que carecem de saneamento, condições de moradia, mobilidade e lazer. No geral é essa maioria que se aperta nos coletivos urbanos, que se vê impedida de circular pela cidade, que não tem acesso a equipamentos culturais e de lazer e que sofre nos postos de saúde mal acabados e mal atendidos, assim como nas escolas igualmente empobrecidas de estrutura e de gente. Basta ver o salário médio de um professor.

O que se pode observar é que os governos sucessivos de Florianópolis foram muito bem sucedidos na tarefa de governar para parte das 13 mil famílias que estão no topo da

pirâmide, o que, em um total de quase 500 mil habitantes, é bastante assustador. São essas poucas pessoas que conseguem viver de fato a cidade, com mobilidade e acesso ao que há de melhor, seja no que diz respeito às belezas naturais como aos equipamentos urbanos. Essa, então, é a mágica. Governam para poucos e mantêm a maioria acreditando que também estão tendo parte da fatia do bolo.

Mas, entre os sujeitos sociais que circulam na classe média e na faixa da maioria empobrecida, há muita gente que batalha para virar esse jogo. Organizações comunitárias, movimentos sociais, sindicatos. É uma luta desigual, mas a resistência é sistemática. A cidade já viveu momentos de grande mobilização, como foi o caso da Revolta da Catraca, na história recente, quando milhares saíram às ruas para lutar contra os aumentos abusivos das tarifas dos ônibus.

De qualquer sorte, esses instantes são pontuais e, no geral, não avançam para mudanças estruturais. Hoje, a luta pelo Plano Diretor, que envolve centenas de comunidades, apesar de lenta, tem muito mais chance de realizar mudanças reais. Isso mostra que a cidade, apesar de brutalizada pelo “desenvolvimento turístico” predador, não está apática. Há povo em movimento.

Quem está na disputa

Pois é nesse cenário que já estão postas as pedras no tabuleiro eleitoral. Concretamente, os representantes da elite, dos ricos, dos poucos que dominam a cidade estarão divididos em três candidaturas, cada uma com sua peculiaridade, restando uma do centro e outra da esquerda unida.

A candidatura da situação - PMDB

O candidato que se propõe a continuar a maneira de governar de Dário Berger (PMDB) é Gean Loureiro (PMDB). Gean vem de uma trajetória vitoriosa como vereador, tendo sua primeira vaga na Câmara quando ainda tinha 19 anos. Atualmente é secretário na Prefeitura de Florianópolis e segue Dário em todas as atividades. Faz parte da nova geração de um PMDB que perdeu praticamente todas as suas características progressistas. Uma olhada na página pessoal do candidato na internet e se pode perceber o quanto estará a serviço das forças que têm sugado a riqueza do povo e da cidade com projetos mirabolantes para “desenvolver” ainda mais Florianópolis.

A política do “negócio” levada por Berger não sofrerá descontinuidade. Agora, com a proximidade das eleições, já começa a falar em transporte marítimo, novos modais de mobilidade, segurança etc... As mesmas velhas promessas já feitas por Dário e que não foram cumpridas. De fato, o governo de oito anos de Berger foi de aliança total com o empresariado responsável pela destruição da ilha. De cunho popular, apenas a operação “Tapete Preto” foi executada em parte, como uma “asfaltização” da periferia. Ainda assim, muitas comunidades se revoltaram contra essa proposta, também muito mais aliada aos interesses empresariais do que ao povo.

Hoje, Florianópolis vive a ameaça de soluções retrógradadas

para o esgoto, como é o caso da proposta de emissário, jogando esgoto para o mar, ainda em andamento. Assim, que essa é a proposta a qual Gean dará seguimento, aliado ao tradicional PDT, o PTB e outros partidos pequenos.

A candidatura da direita tradicional

A velha política que sempre foi hegemônica em Santa Catarina aparece aqui na pele de duas figuras bem jovens e simpáticas. César Souza Júnior (PSD) e João Amin (PP) representam velhos partidos (de roupagem nova) com raízes nos tradicionais grupos da direita que sempre dominaram a política estadual. César Souza, que começou sua carreira filiado ao DEM (antigo PFL), é o filho de um dos mais populares apresentadores de televisão local, também político. O pai forjou-se no modelo de programa televisivo assistencial, de “ajuda” aos pobres, e a associação de sua figura com o filio é imediata.

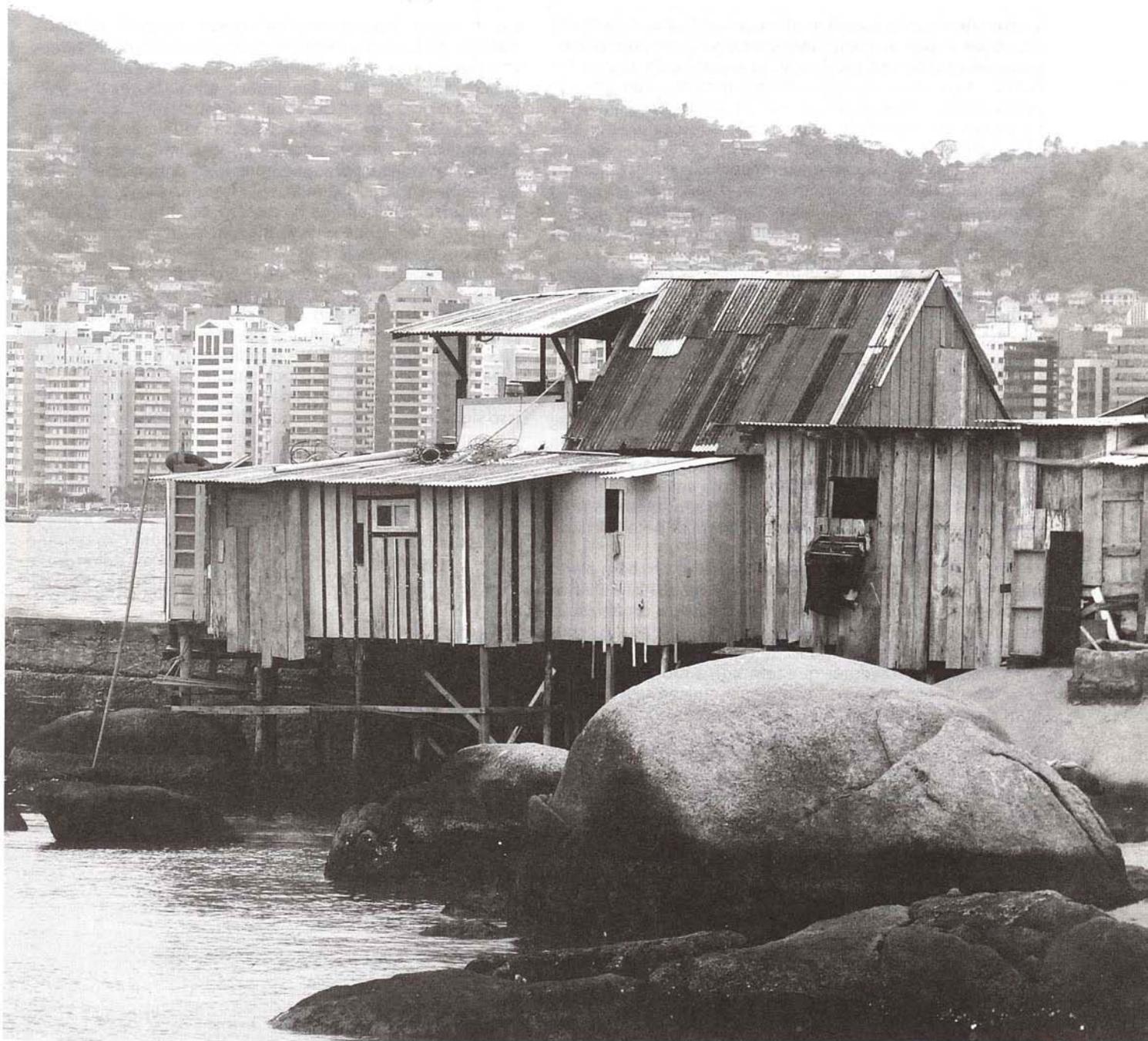
João Amin é filho de Esperidião Amin e Ângela Amin, ambos velhos conhecidos da cidade. Tanto o pai como a mãe já foram prefeitos e igualmente pautaram suas administrações a serviço da elite local, travestidos de “populares”. Obviamente que nada de novo se pode esperar dessa dupla. Elegantes, simpáticos e “quiridos”, eles carregam o carisma dos pais e são uma força considerável, caso a maioria dos eleitores quiser seguir como sempre, refém dos ricos, vivendo de migalhas. Com eles vem todo o esquema montado hoje no Estado (PSD é o novo partido do governador), o que significa que terão toda a máquina a seu favor. As propostas que defendem não se diferem das de Gean. Cidade voltada para o turismo “competitivo”, de classe A, e grandes empreendimentos. O que pode mudar são os grupos aliados, mas a lógica é a mesma.

Ainda a direita

O DEM e o PSDB são partidos que perderam muita força no Estado, estão fracos e sem representatividade - uma vez que até o governador, que era do DEM, decidiu pular fora - mas podem fazer uma aliança para disputar a prefeitura. O candidato que aparece é um manezinho, João Batista Nunes, hoje vice do Dário na prefeitura. João Batista tampouco em nada se diferencia do prefeito atual, governando para os ricos, apostando numa Florianópolis dos prédios, dos condomínios, do progresso destruidor da natureza, apesar do discurso de pessoa nativa, amante da cidade. A aliança com o DEM, a mais atrasada das forças políticas do país, só reforça o compromisso com um modelo de cidade que não se balizará pela maioria.

O centro

Correndo por fora vêm o PCdo B e o PT, partidos que até bem pouco tempo eram identificados com a esquerda, mas que, com a política tocada em nível de Brasil na parceria de governo federal, hoje caberiam muito mais no campo do centro, ora pendendo para a esquerda, ora para a direita,



conforme sopra o vento. A candidatura também envolve gente jovem. O nome para a cabeça de chapa é o da deputada Angela Albino, vinda do mundo sindical e que acredita ter chegado a hora de uma mudança na cidade. Segundo ela, o povo está cansado das promessas não cumpridas e isso abre um espaço importante para novos ares. Além disso, a direita está dividida, disputando votos no mesmo campo. Ângela está disposta a pensar, em fóruns participativos junto com a

comunidade, os novos rumos para Florianópolis.

Ainda assim ela igualmente acredita que a vocação da cidade é o turismo, o mar e a tecnologia. Não há mudança de paradigma. As propostas que aponta, assim como também o PT, parceiro na coligação, são de reformas daquilo que aí está. Melhorias. O que pode ser um perigo se o que está em mira é uma transformação real da cidade.

Reformas, sim, mas com horizontes de transformação.

Caso contrário, não haverá mudanças significativas. Também é caso de se pensar como distinguir essa promessa de participação popular em nível local, se a prática da aliança PT/PCdoB, em nível nacional, não aponta para isso. Vale lembrar que o Código Florestal, um tremendo retrocesso ambiental, foi proposto e defendido pelo PCdo B, através do deputado Aldo Rabelo, e a presidente Dilma (PT), apesar do clamor popular pelo veto, não atendeu ao apelo das gentes. Como Florianópolis é uma cidade que tem o seu meio ambiente como “menina dos olhos”, quais serão as propostas para a cidade de uma frente que propôs e aprovou um Código Florestal que destrói?

Essa é uma ambiguidade que precisa ser bem explicada. Além do PT também devem fazer parte da aliança outros partidos menores como o PRB e PRT.

A esquerda

Os partidos que hoje representam a esquerda no Brasil, PSOL, PSTU e PCB, devem enfrentar as eleições municipais em uma Frente de Esquerda unificada. Com nomes bastante conhecidos na política local como Gilmar Salgado, Joaquina e Afrânio Bopré, eles vão experimentar uma nova tática nessas eleições. Em vez de marcar posição com seus quadros mais experientes no cargo majoritário, decidiram disputar a cidade pela via do legislativo.

Ocupar a Câmara de Vereadores pareceu um bom plano nesse momento importante em que se discute o Plano Diretor e se pensa a cidade na sua totalidade, desde a organização territorial até questões cruciais como a mobilidade, a segurança e as propostas de modo de vida. É bom lembrar que é a Câmara de Vereadores que tem sido a protagonista nos casos de alteração de zoneamento que transformam a cidade num canteiro de obras em espaços de proteção.

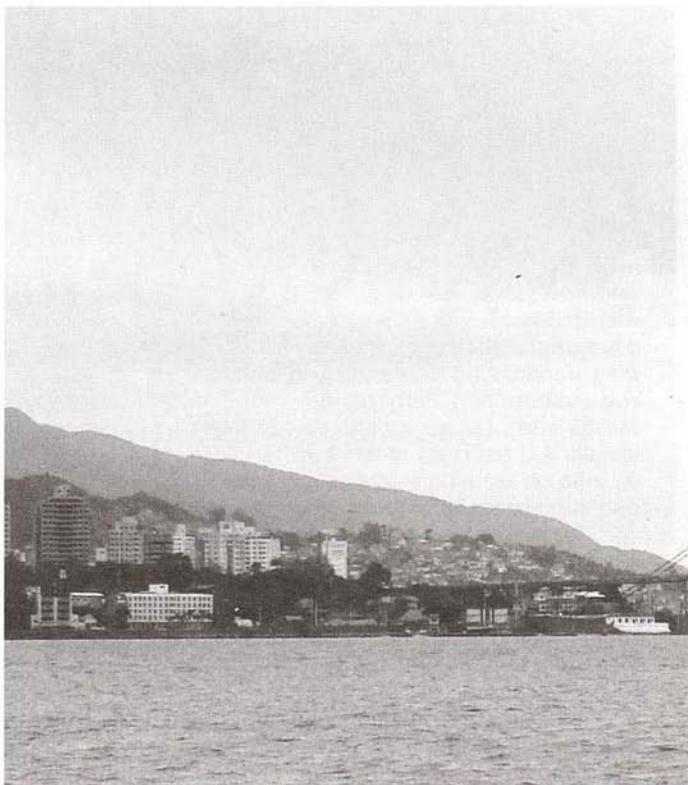
Para dar consequência a uma política de enfrentamento ao projeto desenvolvimentista da maioria dos candidatos, a Frente de Esquerda está oferecendo o nome do professor Elson Manoel Pereira (Geografia/UFSC) como candidato a prefeito. Ele tem atuado no âmbito da discussão do plano diretor e a proposta da Frente será a de retomada da cidade. Segundo Valmir Martins, presidente do PSOL, até agora os empresários resolveram tudo na cidade, a cidade é deles, então é preciso recuperá-la para a maioria das gentes. São as pessoas que aqui vivem e trabalham as que têm de decidir sobre os destinos do município. A Frente de Esquerda está disposta a ir à raiz dos problemas, defender medidas necessárias à transformação da vida da maioria, como a defesa concreta do meio ambiente, a tarifa zero no transporte público, contra a sociedade do automóvel e pela participação protagônica das comunidades.

As armadilhas travestidas

No âmbito do debate sobre a cidade sempre surgem as armadilhas travestidas de grupos interessados no “bem de Florianópolis”. Na verdade, são instituições que buscam dialogar com a população sem a etiqueta do partido e sem revelar os verdadeiros interesses. A primeira dessas entidades

é a chamada “Floripa Amanhã”, braço “secular” do PMDB. Nascida em 2005 por iniciativa do que chamam de “cidadãos conscientes que amam Florianópolis”, a entidade defende uma cidade inovadora, planejada, preservada e segura. Atuam com o discurso do desenvolvimento sustentável, mas na verdade dão sustentação a todo esse modelo de rapinagem da cidade que vem sendo feito há anos. Defendem parcerias público-privadas e reúnem empresários para discutir novas formas de explorar a cidade, seja no turismo ou no campo tecnológico. Uma olhada na direção da entidade e lá estão os nomes do PMDB e seus aliados (<http://floripamanha.org/quem-somos/diretoria/>).

Outra aberração é a Floripa Te Quero Bem que, como diz a página da entidade, nasceu depois de um desabafo (???) do tenista Guga Kuerten. Ele fez uma declaração de que a cidade estava ruim e que era preciso cuidar dela, então a RBS (???) – Rede Brasil Sul - decidiu juntar alguns parceiros para pensar a cidade e propor mudanças. Os objetivos são tornar o município mais solidário e sustentável, seja lá o que isso signifique. A coisa soa muito bizarra, uma vez que a RBS é a empresa que se apoderou de quase todos os meios de comunicação do estado de Santa Catarina, constituindo um oligopólio, atuando sempre em parceria com o empresário responsável pela destruição da cidade. A instituição é formada por três institutos distintos que representam tanto a direita florianopolitana, como o centro. São o Instituto Comunitário Grande Florianópolis (ICom), que tem entre seus diretores a filha de Jorge Bornhausen (DEM), o Instituto Guga Kuerten



(IGK), que dispensa comentários, e o Instituto Padre Vilson Groh (IGV), que vem de uma matriz popular, mas hoje prefere atuar mais na linha da redução de danos.

Esses grupos fazem debates, chamam estudiosos, buscam o que chamam de soluções para a cidade, mas todos caminham na mesma direção do desenvolvimento para poucos, com algumas migalhas caindo da mesa e sendo aproveitadas pelos pobres. Turismo de alta classe, marinas, ancoradouros, hotéis, polos tecnológicos e alguns empregos subalternos para os empobrecidos, como garçom, camareiras, guardadores de carro, etc...

A população, acostumada a ligar determinadas pessoas (como Guga) a coisas boas, sem tempo para refletir melhor sobre os objetivos das instituições, acredita no discurso fácil do “querer bem a cidade”. Mas esse querer bem quase sempre é dirigido a uma única classe, e não é a maioria da população.

A luta comunitária

Por outro lado as associações de moradores e entidades populares interessadas em mudar a lógica que impera na cidade, precisam rebolar para garantir a participação nos fóruns que deveriam primar pelo protagonismo popular. Como reza o Estatuto da Cidade, os municípios precisam definir suas metas em parceria com a maioria das gentes.

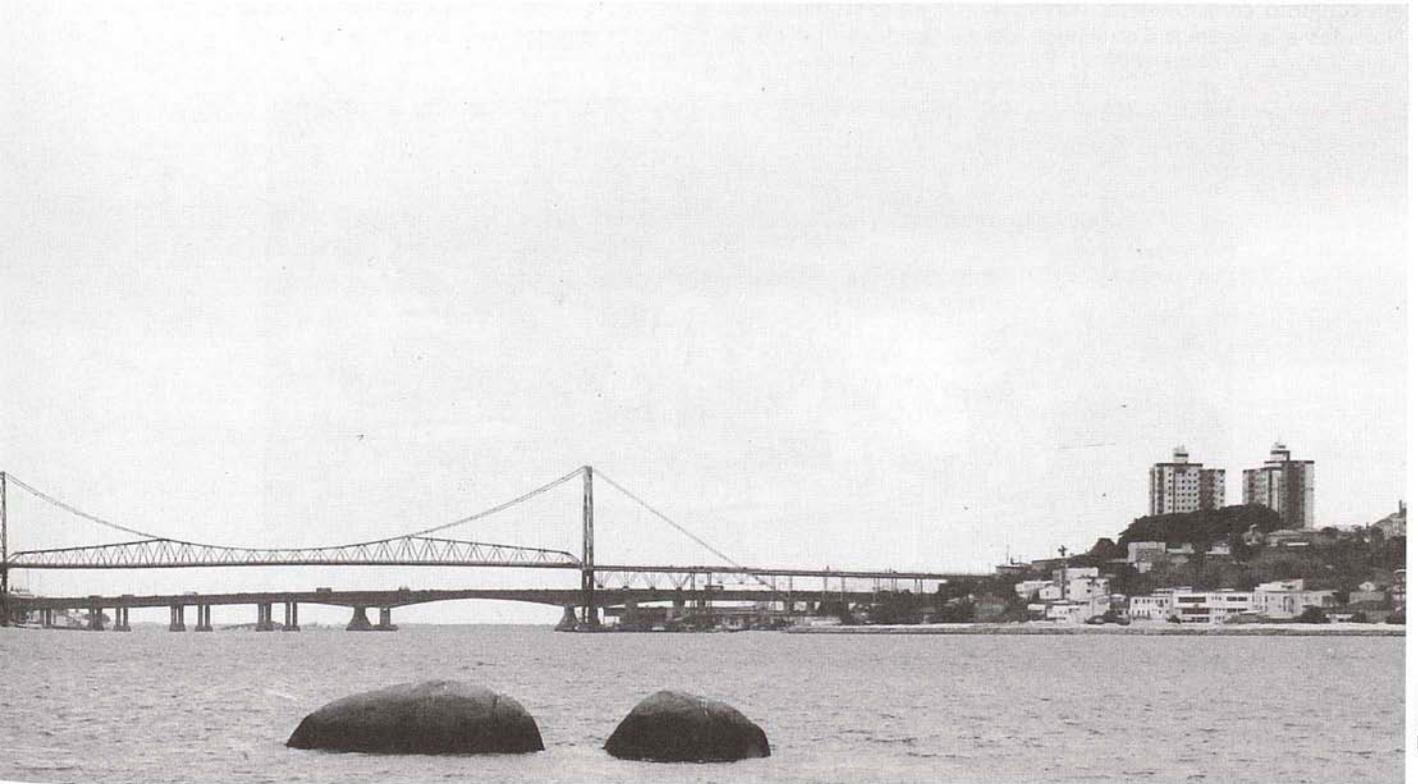
Para isso se começou o processo de Plano Diretor. Mas, quando as comunidades decidiram dizer sua palavra, partici-

par e oferecer as propostas para o planejamento da cidade, a prefeitura – sob Dário Berger – melou o processo. A coisa se arrasta desde 2004 e, enquanto isso, os empresários da construção deitam e rolam por todo o município, levantando condomínios, prédios e espigões, muitos deles fora de qualquer legalidade que depois se ajeita com decisão da Câmara de Vereadores.

É nesse cenário que Florianópolis vai para mais uma eleição. As cartas estão na mesa, os interesses estão expostos, embora para a maioria ainda haja muita coisa obscura. Não há debates públicos, os meios de comunicação enganam e mentem, e as entidades populares têm pouca perna, como se diz. Não é fácil conseguir um voto consciente.

De qualquer sorte, a escolha terá de ser feita: ou seguimos com essa destruição da cidade, com a degeneração de todo um modo de vida, falta de mobilidade urbana, falta de segurança, de cultura e lazer; ou apostamos em um outro modelo, diferente, que provoque mudanças profundas na estrutura mesma. A cidade do passado não pode voltar, mas é possível construir no presente e no futuro uma cidade onde a maioria que trabalha e vive o cotidiano real das ruas possa existir em felicidade, com segurança, podendo ir e vir de verdade, com cultura e possibilidades de lazer. Já basta de permitir que os mesmos de sempre, um pequeno grupo da elite local, desfrute a cidade e decida como ela tem de ser.

Há que retomar a cidade de volta, como diz Valmir Martins. E isso é possível fazer, não só nas eleições, mas no dia a dia, participando, atuando e lutando.



Cooperar com a outra informação

Texto: Raul Fitipaldi, de Florianópolis
Fotos: Marsal Pedro Silveira

Em luta pela Soberania Comunicacional, na coluna de resistência contra a "verdade única", contra o oligopólio comunicacional e a uniformização do pensamento, de maneira humilde, silenciosa, construiu-se, com sede em Florianópolis, a 1ª Cooperativa de Produção em Comunicação e Cultura – CPCC, cujo nome conceitual é: Cooperativa pela Soberania Comunicacional Popular.

Em 9 de dezembro de 2011 reuniram-se 23 membros da cooperativa, formada por jornalistas, comunicadores sociais, analistas de sistema e agentes culturais, e conformaram esta organização comunicacional. Ela é oriunda da trajetória que o Portal Desacato fez, em conjunto com a Revista Pobres & Nojentas e a Agência Contestado de

Notícias Populares, a partir do debate dos Encontros pela Soberania Comunicacional desenvolvidos em 2008 e 2010, e do sucesso que teve Desacato através de cinco anos de edição virtual, com colaboradores de diversos países e um crescimento paulatino e seguro de leitores no Brasil, e em particular em Santa Catarina.

É um desafio complexo numa área não costumada à cooperação, acomodada ao monopólio da RBS, onde, inclusive, a pauta de outras emissoras alimenta-se com o rescaldo do que esse grupo produz ou toma da Globo.

A maioria dos jornalistas e comunicadores sociais de contracorrente estão restringidos à assessoria sindical, parlamentar ou seus blogs, mantidos

com esforço. Porém, muitos desses jornalistas e comunicadores também se municiam da Globo, RBS ou Folha de São Paulo, quando não de publicações tão imbricadas com a política das transnacionais e da oligarquia brasileira como a Revista Veja. Até na Cooperativa boa parte das pessoas continuam se informando através dos monopólios, já que se trata de um fenômeno cultural de alienação e formação universitária acrítica.

Apostando na união de gerações, a CPCC vai dos 22 aos 70 anos de idade. O associado que exerce a presidência tem 57 anos e a vice-presidenta tem 24. A intenção é clara: recuperar o acúmulo jornalístico, comunicacional, cultural e político, e projetá-lo ao futuro, para



De esq. à dir.: diretora de RH, Lívia Monte, presidente Raul Fitipaldi, vice-presidenta Larissa Cabral, dir. comercial Juan Luis Berterretche, co-fundadora Vanessa Bortucan e diretora de Desacato Tali Feld Gleiser



Diretora geral do Portal Desacato Tali Feld Gleiser (dir.) e vice-presidenta, jornalista Larissa Cabral (esq.)

serviço da população em termos de informação, educação, formação e mobilização transformadora.

O público ao qual se está dirigindo a Cooperativa é formado por estudantes, trabalhadores e comunidades territoriais ou socioculturais.

A Cooperativa não espera resultados imediatos, o percurso é duro e a autosustentabilidade do processo é a primeira meta a vencer. Provavelmente ela chegará com fracassos e autocríticas e com a sensibilização dos setores aos quais se dirigem as produções da CPCC de que é necessário ter uma organização desta natureza que ajude a romper as correntes informativas e culturais com os monopólios do século passado.

Desta maneira, a Cooperativa pela Soberania Comunicacional prepara sua infraestrutura com calma, cria novos veículos de suporte ao seu carro chefe – www.desacato.info, com ferramentas que ofereçam maior divulgação, mas também um enlace com a comunidade jornalística e comunicacional, tal como acontece com sua conta de Twitter, e seu novo boletim semanal: Desacato Passa Revista. Mantém uma conta de informação imediata do publicado por Desacato no Facebook já na Fase 3 do

seu formato lançada em 11 de maio de 2012.

A integração de analistas de sistema e a parceria com produtores audiovisuais e da publicidade vem permitindo abordar diversas experiências na área de transferência audiovisual web, além de hospedar outros sítios informativos dentro e fora do Brasil. A construção de domínios e sítios e a agenda cultural de eventos são outras marcas da Cooperativa. São vários embriões sobre a mesa e há expectativa da consolidação inicial da empresa autogestionária.

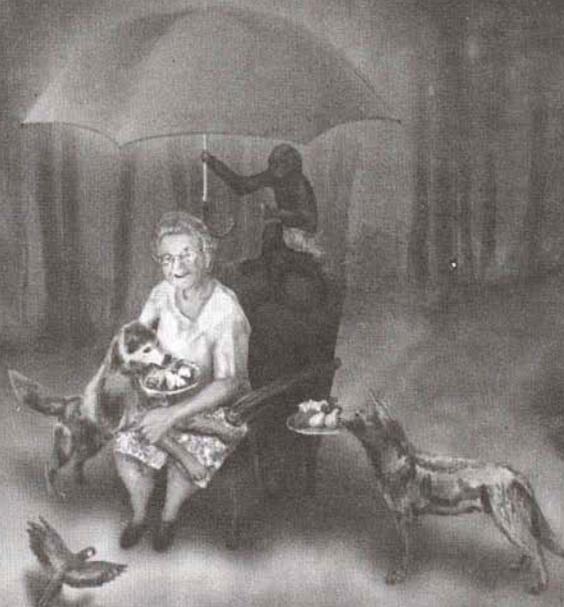
Esta cooperativa pioneira, visionária - no dizer da colega Elaine Tavares - está se erguendo aos poucos e dependerá da paciência dos membros, da credibilidade do público leitor e espectador, e da sensibilidade social dos setores que devem ajudar a sustentar este projeto, ainda único no país. No suporte das palavras: a militância e o sonho de um mundo justo, diverso, livre e sem donos da verdade.

www.desacato.info
@desacatobrasil
www.facebook.com/Portal.Desacato
Correio Eletrônico:
desacato.brasil@gmail.com

Santa Catarina mágica nos "Contos da Seve"

Uma aventura imaginária pela narrativa popular
e seu assombroso realismo fantástico

CONTOS DA SEVE

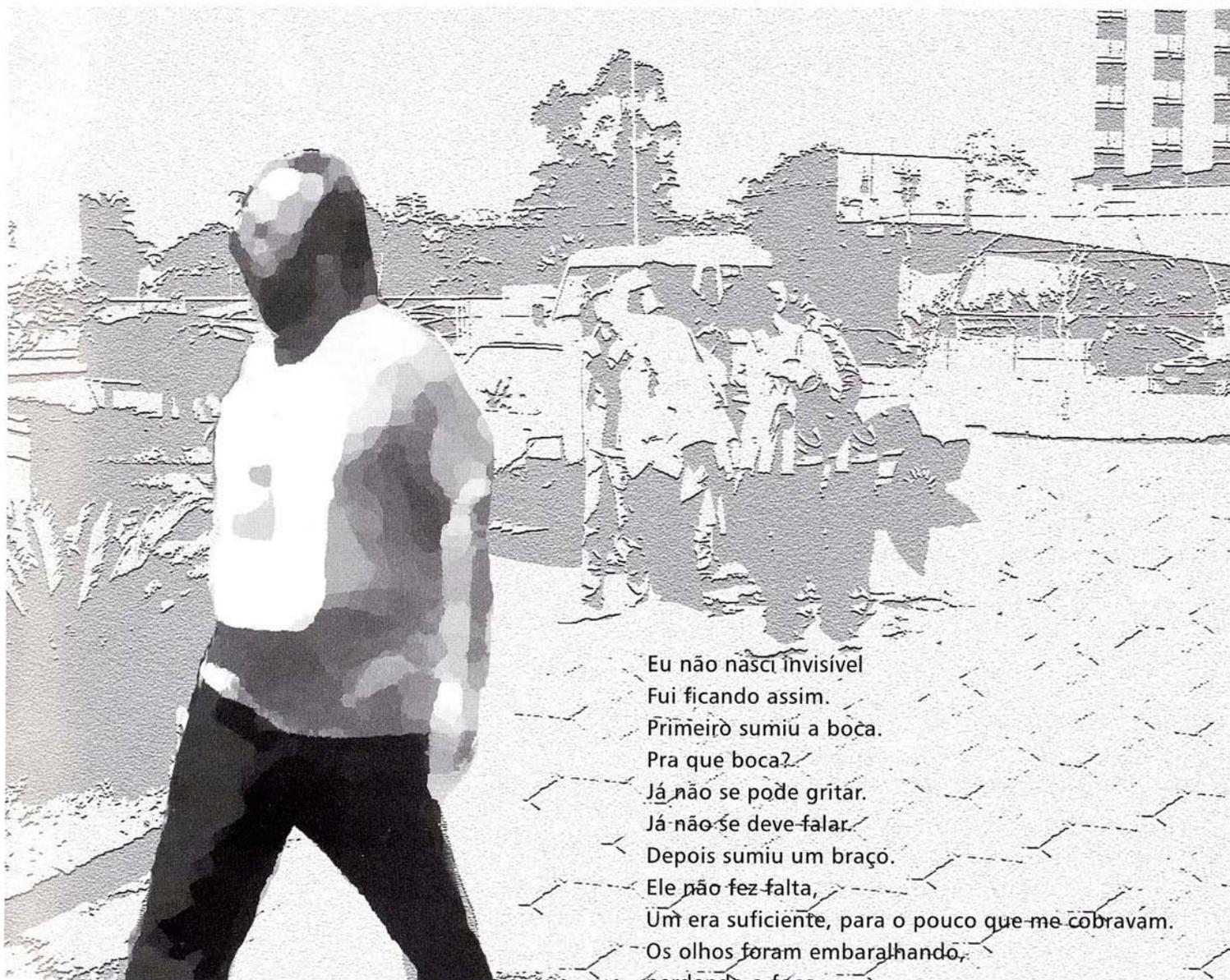


Histórias de
SEVERIANA ROSSI CORREA

Organização
EDUARDO SCHMITZ

Será lançado em breve o livro "Contos da Seve", organizado pelo jornalista taioense Eduardo Schmitz a partir das histórias narradas por Severiana Rossi Correa. O livro, prefaciado pelo também jornalista Moacir Loth, que trabalha na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem 120 páginas. São 57 histórias escritas a partir da narrativa oral. Eduardo fez uma longa caminhada para conseguir imprimir 200 exemplares do livro. Valeu a pena. As histórias da Seve, que já foi capa da revista Pobres & Nojentas, levam o leitor para paragens desta Santa Catarina onde pessoas, objetos, casas, morros, são feitos de uma substância mágica, às vezes terna, às vezes cruel, às vezes... indefinível. Livro lindo. Para comprar, entre em contato com Eduardo pelo e-mail: observatoriolocal@gmail.com

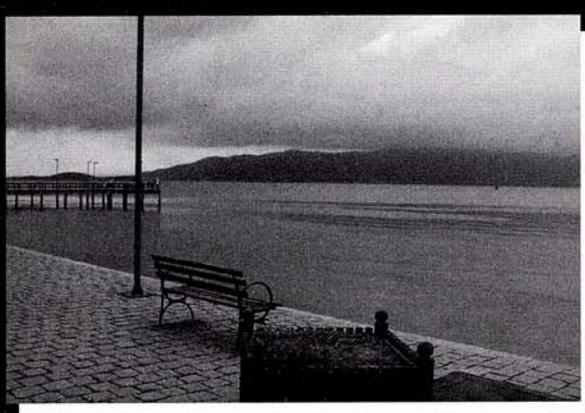
Foto: Eduardo Schmitz



Eu não nasci invisível
Fui ficando assim.
Primeiro sumiu a boca.
Pra que boca?
Já não se pode gritar.
Já não se deve falar.
Depois sumiu um braço.
Ele não fez falta,
Um era suficiente, para o pouco que me cobravam.
Os olhos foram embaralhando,
perdendo o foco,
perdendo as frases,
ganhei um álibi.
Ver, hoje em dia, é comprometedor.
Depois perdi o nariz,
não foi difícil, era pequeno.
Então travei um sorriso no rosto.
Travei os movimentos do corpo
e assim permaneci
sem fazer barulho.

Quase invisível

Por Rosangela Bion de Assis,
de Florianópolis



*Essa matéria fina de toda a certeza
– música do pensamento –
é a palavra,
e com ela pronunciamos o indizível
de sermos céu,
pêssego,
caligrafia.*

*Com essa fina matéria de toda
certeza
toco a fimbria do ar,
me despedaço sete vezes,
sou menos que o vento,
oração numa varanda,
sou o que eu desejo.*

*E o meu desejo,
se o pronuncio com essa matéria
fina de toda a certeza
– a palavra –
o meu desejo é que acordemos
num quarto novo,
alguns cacos pelo tapete,
uma estrela fervente em cada mão.*

Fernando Karl

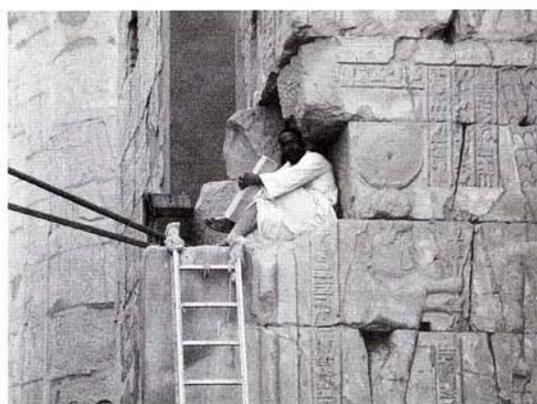


Foto: Elaine Tavares

No Egito,
do outro lado da linha

Página 09



Foto: Marcela Cornelli

Um mundo onde
caibam muitos mundos

Página 12

FLORIMAGE
SERVICIOS GRÁFICOS

Contato:

florimage@florimage.com.br

Fone: (48) 9107-2667 (Alysson)